

A Magia e o Mago – E. W. Butler  
Ed Bertrand – 2ª Edição  
Magia: Ritual, Poder e Propósito  
Capítulo 1 –Algumas definições e um exame geral

**N**este mundo imperfeito, onde é muito fácil entender mal ou ser mal interpretado, é necessário, quando escrevemos sobre um determinado assunto como Magia Cerimonial, definir cuidadosamente alguns termos. Mas, antes de dar qualquer definição, vamos discutir As idéias de magia popularmente aceitam. Agindo assim, eliminaremos muitos dos aspectos obscuros do pensamento, exatamente como precisamos fazer quando afastamos a vegetação tropical ao redor de um templo asteca oculto, e, então, se revelam as suas verdadeiras proporções e aparência.

A comparação é adequada, pois o Templo da Magia tem sido inflacionado com um crescimento desinformado e cheio de idéias supersticiosas ao longo dos tempos, que, no mundo ocidental pelo menos, sua verdadeira feição e natureza se perderam. Somente entre os ignorantes e supersticiosos, por um lado, e um certo núcleo de magos informados e instruídos, de outro, é que alguma idéia da verdadeira natureza da magia foi preservada; e, no primeiro caso, ela foi tristemente distorcida e mantém relação ínfima com os fatos atuais.

Como os estudantes de arqueologia e os expoentes máximos de religião comparada nos informam, a magia remonta aos primórdios da vida do homem neste planeta. Todos os sistemas religiosos, com exceção possivelmente de algumas seitas protestantes e do budismo meridional, fizeram durante um certo período, uso da magia cerimonial. Aqueles que estão interessados nos aspectos históricos desse assunto encontrarão, listados na bibliografia, no final deste livro, trabalhos de renomados experts nesse campo; entre eles estão o de Sir James Frazer, cujo o Golden Bough se tornou um clássico.

Se as autoridades forem cuidadosamente estudadas, observar-se-á que, falando de maneira geral, cada religião assimila o melhor da religião antecedente, e o resto é deixado para a ralé ignorante e para aqueles sacerdotes da velha religião que não se conformam o novo. À medida que a nova religião se organiza, ela começa a perseguir os remanescentes da antiga, e esses remanescentes são empurradas para o submundo. Essa situação aflorou quando o Cristianismo emergiu de sua infância e se tornou a religião dominante do Ocidente. A velha religião desintegrou-se, e a Igreja Católica absorveu muito de sua filosofia e de seu ritual, impregnando, gradualmente, todos os níveis da sociedade, até que os seguidores da velha fé fossem apenas seres rústicos, residentes em lugares distantes e isolados. Esses rústicos ou pagani, não versados na filosofia de sua religião, transmitiram uma face deturpada da mesma. Eles nunca deixaram de ser perseguidos cruelmente, mas seu número era constantemente acrescido por muitas fontes, incluindo aqueles que se rebelaram contra as posições papais.

Quando, contudo, o impulso do Renascimento tornou possível quebrar o jugo de Roma, as mais piedosas Igrejas reformadas estavam tão intolerantes quanto Roma havia sido em sua

perseguição às bruxas, feiticeiras e magos. A história da Europa do século XI ao XVII constitui-se em leitura aterrorizante. Com a emergência da “Idade da Razão”, a crença popular no poder maligno do mago começou a desaparecer. Simultaneamente, nos círculos protestantes ao menos, a crença religiosa começou a se deteriorar em uma formalidade que tinha muito pouca força mobilizadora.

Esse nível de mediocridade na Inglaterra alcançou o apogeu na era vitoriana, quando a Física, pela boca de seus maiores expoentes, declarou “não existir lugar no universo para fantasmas”, e o presidente da Sociedade Real declarou: “Na matéria eu vejo o potencial e a promessa de toda a vida.” Porém, com os crescentes conhecimentos acerca do universo que o desenvolvimento moderno da ciência trouxe, tais idéias tiveram que ser consideravelmente revistas, e físicos modernos como Eddington, Jeans ou Einstein, apresentaram uma idéia da natureza e um propósito do Universo que podem ser facilmente aceitos pelo mago. Levando-se em consideração a diferença de terminologia, os magos vêm falando a mesma coisa há séculos!

É, no entanto, com as modernas escolas de psicologia, mais particularmente a associada ao nome de C. G. Jung, que o mago encontra maior proximidade com o pensamento moderno. Pelo balanço curioso do pêndulo moderno, percebido por Heráclito, chamado de enantiodromia\*, o que foi subjugado e obrigado à clandestinidade começa agora a aflorar para desalento dos ortodoxos

\*enantiodromia – de enatios, do grego, contrário, oposto. Seria a capacidade de certas forças, reprimidas por suas antagonistas, virem a substituí-las em movimento pendular. Por exemplo, a condenação medieval ao culto do corpo sendo substituída por esse culto por meio da recuperação dos ideais estéticos do renascimento(N.doT.)

Mas, embora reprimida e perseguida ao longo dos tempos, a magia nunca deixou de existir no mundo ocidental. A Igreja Romana adaptou habilidosamente muito da velha magia para seus próprios propósitos; nos bastidores, a magia tradicional corria para um dos rios clandestinos das terras altas, emergindo aqui e ali à luz do dia, para então desaparecer sob a superfície.

Uma dessas emergências foi a Ordem do Templo, cujos membros, os Cavaleiros Templários, foram aliviados de boa parte do ódio nutrido por eles pelos seus perseguidores; os albigenses na França foram outra; os Irmão da Dourada e Rosa Cruz, os Iluminados, os Magnetistas, os Teosofistas e numerosas outras ordens mágicas e fraternidades que surgiram na metade do século XIX estão também entre esses movimentos emergentes. Desses, a mais famosa e a mais iluminada, do nosso ponto de vista, é a Ordem da Golden Dawn\*. Fundada sobre supostas bases rosacruz, ela conseguiu realizar uma síntese admirável de todas as ramificações oscilantes da magia; e, a despeito de muitas vicissitudes e divisões, ainda permanece fonte da Tradição Mágica Ocidental.

\*Golden Dawn(Aurora Dourada) – ordem hermética fundada por mestres maçons na Inglaterra, que exercem grande influência sobre todo o desenvolvimento do Ocultismo no Ocidente, influência essa que perdura até hoje, ainda que de forma residual(N.doT.)

O que foi exposto já é suficiente para uma retrospectiva geral. Agora, vamos às nossas definições.

Meu dicionário fornece uma definição popular de magia, “a arte de usar causas naturais para produzir resultados surpreendentes”, definição que cobre um campo bastante vasto! Ela poderia ser aplicada a um selvagem diante do rádio, do telefone ou do avião, embora em tais casos ele concluísse tratar-se de causas sobrenaturais em ação! Um mago moderno, que escreveu bastante sobre o assunto, definiu a magia como “a arte de provocar mudanças pela vontade”. Novamente estamos diante de uma definição muito ampla – ela engloba a ação de trabalhadores tanto manuais quanto intelectuais que também, produzem mudanças com sua vontade.

Na opinião desse escritor, a melhor definição de magia é aquela dada por outro mago moderno, que a definiu como “a arte de causar mudanças na consciência pelo poder da vontade”. Essa está de acordo com a teoria e a prática da magia, e podemos empregá-la com vantagem aqui, com devido reconhecimento à sua geradora, Dion Fortune, que foi, entre outras coisas, líder de uma bem organizada fraternidade iniciática.

Tendo chegado a uma definição conveniente, somos então confrontados com outra dificuldade. O que queremos dizer com “mudanças na consciência”? Será necessário, então considerar (a) o que é consciência e (b) o que se quer dizer com essas mudanças de consciência. No próximo capítulo consideraremos a moderna visão psicológica da personalidade humana. Deve ser lembrado, contudo, que a psicologia não está suficientemente desenvolvida ainda como ciência para ser considerada uma estrutura unificada de conhecimento.

Existem diversas escolas de psicologia diferindo em suas explicações dos fatos observados. Os seguidores de Freud colocam ênfase em um aspecto da vida; os seguidores de Jung enfatizam outro; os discípulos de Adler, um terceiro. Como será visto adiante, a inclinação do autor é para a escola de C. G. Jung.

Aliás, os escritos de Jung estão em tamanha sintonia com as tradições mágicas, que para nós é fácil compreender o sentimento, por parte de alguns colegas seus mais materialistas, de que ele tenha “caído no misticismo”. Os resultados dessa queda parecem ter sido satisfatórios do ponto de vista terapêutico, e a opinião é a de que Jung é o Darwin da Nova Psicologia. Temos consciência de que essa não é uma idéia original – outros também já o disseram -, mas nunca é demais repetir!

A Magia e o Mago – E. W. Butler  
Ed Bertrand – 2ª Edição  
Magia: Ritual, Poder e Propósito  
Capítulo 2 – A personalidade humana

O problema da personalidade humana é um dos que permaneceu sem solução por muitos séculos no mundo ocidental. O pensamento oriental desenvolveu uma classificação da personalidade que esclarece muita coisa sobre os processos mentais do homem, mas a teologia dogmática do ocidente, até a época atual, vem limitando um desenvolvimento similar do pensamento ocidental sobre o assunto.

Entretanto, nestes últimos anos, muitos fatores sobre os quais a religião dogmática não tem controle vêm conspirando para desenvolver uma visão mais verdadeira da real natureza da personalidade do que até aqui tem sido mostrado. A velha psicologia acadêmica lidava somente com a mente vígil, e seus métodos de pesquisa baseavam-se principalmente na introspecção da mente sobre si mesma. Mas muitos fatores que começaram a emergir apontaram para a possibilidade de a mente do homem ser maior do que se imaginava. O fenômeno observado do mesmerismo e do hipnotismo, a telepatia e as maravilhas psíquicas dos espiritualistas começaram a mostrar a necessidade de uma nova psicologia, fundada então sobre base mais ampla do que sua antecessora acadêmica.

F. W. H. Myers, em seu importante livro *A Personalidade Humana*, esboçou a teoria geral do que ele denominou “mente subliminar”. A idéia geral (que ainda permanece válida) era a de que o pensamento consciente fosse parte da mente que estava acima de um certo nível de consciência conhecido como limiar ou entrada. Esse nível supralimiar ou acima do patamar de consciência não é, entretanto, o único nível de consciência. Abaixo dele existem outras camadas de consciência, e essas camadas são denominadas níveis subliminares ou, geralmente, o “subconsciente”.

Assim, a mente humana, de acordo com essa hipótese, é dual, tendo um nível consciente ou vígil e um subconsciente, que permanece abaixo do limiar. Myers mostrou que todos os fenômenos que ele estava considerando podiam ser explicados com aceitação de que, sob certas condições e por meio de certos canais, o subconsciente podia entrar em erupção e emergir para a vida vígil. Ele mostrou também que esse nível subconsciente de pensamento era muito maior em extensão e potencialidade em relação ao nível consciente da personalidade.

O símile usualmente empregado é o do iceberg, cuja maior parcela esta oculta pelo oceano. Tal símile é excelente, uma vez que o comportamento dessas montanhas de gelo muito se aproxima do comportamento da própria mente. Acontece freqüentemente de o iceberg, embora o vento possa estar soprando sobre uma de suas extremidades, se mover na direção contrária, uma vez que seu gigantesco corpo submerso sofre muito mais os efeitos das correntes marítimas bem abaixo da superfície. Assim se dá com a mente humana.

Sobre essa nova concepção, uma nova psicologia começou a ser construída, e dois homens sobressaíram como pioneiros. O primeiro foi Sigmund Freud, e o segundo, seu aluno C. G. Jung. A psicologia freudiana é familiar para o público em geral devido sua insistência sobre

o elemento sexual na doença psicológica. Jung discordou dessa versão radical e, gradativamente, criou o que é conhecido como a “Escola de Zurique”. Do ponto de vista do mago, não resta a menor dúvida de que Jung está mais próximo dos fatos do que os freudianos, e são certos aspectos do seu sistema que destacarei resumidamente.

Está entendido que, por trás da vida manifestada de animais e homens, existe uma força impulsionadora que tem recebido muitos nomes. Os psicólogos se referem a ela como libido ou, algumas vezes, como Id. Esse impulso básico se manifesta naquilo que é chamado instinto fundamental e, na classificação comum, ele costuma ser dividido em três, a saber: instinto de auto-preservação ou vontade de viver; instinto sexual ou vontade de criar; e instinto de clã ou impulso social.

A esses três, Jung acrescenta um quarto instinto, que ele reivindica como prerrogativa unicamente do homem – o instinto de religiosidade. Esse instinto é o contrabalanço dos três impulsos biológicos dos instintos primitivos e é, portanto, parte essencial da constituição do homem. Qualquer que seja o sistema psicológico adotado, se não tiver esse ponto essencial, falhará em cobrir plenamente o domínio da personalidade humana.

Embora, nos primórdios do homem, os três grandes instintos predominassem, mesmo lá o instinto religioso já estava atuando. À medida que a humanidade evoluía, a mente consciente gradualmente desenvolvia e começava a abrandar a intensidade de alguns impulsos instintivos, direcionando essas energias para novos canais. Mas isso era feito de maneira ignorante e irregular, de forma que um atrito considerável ocorreu na mente do homem.

Com o advento do Cristianismo e a violenta reação contra as velhas crenças, essas repressões dos instintos naturais tornaram-se intensificadas e gradualmente passaram a ser aceitas como parte da própria fé cristã, até que, no período vitoriano, alcançaram o ponto culminante. A mente consciente, afirmando-se de acordo com um código de ética, era a mais elevada realização da evolução humana.

Mas isso resultou no aumento gradual do que é, em parte, a doença do mundo ocidental – a “psiconeurose”. Existem, naturalmente, neuróticos em todas as raças, mas de longe o maior número deles se encontra nas civilizações ocidentais. Os poderosos instintos, ao serem obrigados a se voltar para si mesmos, tornaram-se deformados e pervertidos, e a energia que deveriam trazer para as elaborações da mente consciente, caso fossem adequadamente dirigidos ou “sublimados”, se perde no atrito interno, dando a sensação de frustração tão comum no Ocidente.

Essa repressão do poder dinâmico do indivíduo resultou no estabelecimento de forte linha de clivagem entre os níveis subconsciente e consciente da mente. Mas é óbvio que será somente trazendo à mente consciente o poder dinâmico depositado abaixo do limiar que as atividades do homem poderão alcançar seu verdadeira nível. É justamente tal libertação do subconsciente que se constitui o objetivo da moderna psicoterapia, e é isso também que se almeja na magia moderna.

Isso não significa que os instintos primitivos possam ser libertados em sua forma mais grosseira, mas ao contrário, sua energia deveria ser canalizada e redirecionada para outros canais. Deveria haver, contudo, similaridade natural entre a energia que está sendo redirecionada ou “sublimada” e o novo canal de expressão que lhe é oferecido. Um exemplo disso é a recomendação freqüente dada a adolescentes perturbados por seus excessivos impulsos sexuais: “Façam esportes, ginástica, etc., e trabalhem” Algumas vezes o remédio dava certo - com mais freqüência fracassava, aparentemente aumentando o impulso que deveria diminuir. Isso acontecia porque o canal para a primeira tendência biológica havia sido usado para a força pertencente ao segundo impulso.

O esporte é uma maneira esplêndida de sublimação do instinto de auto-preservação, e as associações grupais que propicia também formam um bom canal para o instinto gregário, mas eles são inadequados para o instinto sexual, que é essencialmente individualista e criativo. Hoje em dia, o conselho geral a esses sofredores é que se engajem em trabalhos criativos e busquem as artes para que possam criar, manufaturar, produzir nem que seja um banco rústico para seu jardim. Tais tarefas oferecem excelente fonte de sublimação.

Não se pode pensar que a totalidade da energia de tais instintos possa ou deva ser sublimada, mas essas energias básicas deveriam ser aproveitadas para o desenvolvimento contínuo do espírito do homem. É aqui que o quarto instinto apontado por Jung surge, pois é a contraparte que vai atrair o desenvolvimento do homem na direção das grandes altitudes, e podemos, com vantagem, comparar esse quarto impulso com o que os ocultistas chamam de eu superconsciente ou eu superior, e o mago chama de anjo guardião.

A pesquisa psicanalítica moderna aponta na direção da existência, o inconsciente ou subconsciente, de certos níveis ou camadas de desenvolvimento, e a mais profunda dessas camadas liga o indivíduo não apenas à mente de seus vizinhos imediatos, mas, sucessivamente, ao processo mental de toda a humanidade abaixo de certo nível e, abaixo disso, novamente com a consciência do reino animal e vegetal. Isso leva a crer que, assim como nossos corpos têm dentro da sua própria estrutura as marcas de seu desenvolvimento evolutivo oriundo dos reinos mais inferiores da natureza, nossa mente mostra linha similar de evolução.

Existe o que é denominado “subconsciente pessoal”, que consiste de idéias, emoções e memórias, algumas das quais foram empurradas para baixo do limiar, porque nos recusamos a reconhecer até para nós mesmos que seríamos capazes de tais pensamentos. Esses grupos de pensamentos carregados com energia emocional são conhecidos como “complexos” ou “constelações”, e onde eles tiveram seu reconhecimento recusado tendem a se desgarrar da unidade geral e tornar-se semi-independentes. Diz-se então que se tornaram “dissociados”, e são esses complexos dissociados, juntamente com toda gama de experiências esquecidas, memórias e emoções que se configuram no “subconsciente pessoal”.

Ao nos aprofundarmos ainda mais, vamos nos deparar com aquelas emoções e pensamentos, aquelas imagens primordiais que compartilhamos com toda a humanidade, não somente com a humanidade atual, mas também com a humanidade passada. Esse “inconsciente coletivo” é e foi background condicionador da nossa mente subconsciente, e

as imagens e memórias sepultadas em suas profundezas exercem influência sobre nossas vidas que, embora desconhecida para nosso eu vígil, é extremamente poderosa.

Sabe-se que o inconsciente, pessoal ou coletivo, trabalha por meio de figuras ou imagens, pois a palavra é um desenvolvimento comparativamente recente. Assim sendo, diz Jung:

“Quem fala por imagens primordiais, fala com mil línguas: agarra e sobrepuja, e, ao mesmo tempo, eleva o que tira do individual e do transitório pessoal à esfera do eterno, exalta o quinhão pessoal à dimensão do homem e, assim, libera em nós todas aquelas forças úteis que desde sempre vêm capacitando a humanidade a se auto-resgatar de qualquer desastre e a sobreviver à mais longa das noites.”

A magia, com suas origens no passado imemorial, faz exatamente isso, fala ao subconsciente do homem por meio de linguagens arcaicas de seus símbolos e rituais, e então produz “mudanças na consciência” que o mago tanto busca. Assim foi também com o Senhor Jesus que: “Sem a parábola, não se dirigia a eles”.(Marcos IV, 34).

Podemos resumir tudo o que foi dito neste capítulo dizendo que a melhor escola de psicologia moderna estabelece a existência de quatro níveis mentais, a saber:

- (A) a mente consciente desperta
- (B) o subconsciente pessoal
- (C) o subconsciente coletivo
- (D) a supraconsciência\*

\*Esse termo, na verdade, foi abandonado pela psicologia atual e recuperado por uma escola bem moderna surgida nos EUA com o nome de “mente transpessoal”, que também dá nome a esta linha – a “Psicologia Transpessoal”.(N.doT.)

Todos esses são aspectos da mente, mas desses, só estamos conscientes de um, a mente em seu estado vígil. Embora todo o restante constantemente nos afete, com frequência descobrimos que as correntes misteriosas e ocultas do eu profundo nos impelem por caminhos que conscientemente não escolhemos.

Ter capacidade de se tornar consciente do jogo das correntes ocultas e dirigi-las na tarefa de conduzir a vida pelos caminhos da sabedoria e da paz é o desejo ardente de qualquer mago ao olhar para as profundezas de seu ser; e, ao vislumbrar a centelha da luz eterna que é o seu verdadeiro centro, ele exclama em nome e pelo nome da centelha: “Eu a onipotência ao meu comando e a eternidade à minha disposição!”

A Magia e o Mago – E. W. Butler  
Ed Bertrand – 2ª Edição  
Magia: Ritual, Poder e Propósito  
Capítulo 3 –A Tese Mágica

Deixando de lado toda a multidão de detalhes que rodeiam o assunto, devotaremos esse capítulo à consideração da teoria mágica do homem e do universo. A tradição da magia afirma que o universo é uno e que nenhuma parte desse universo está *in esse* separada da outra. Como diz o poeta, “tudo não passa de parte de um Todo estupendo”. Tudo que existe no universo é, portanto, a expressão da unidade que subsiste por meio de todas as coisas. Isso pode ser condenado como mero “panteísmo”, mas, na realidade, não é assim, pois por trás da unidade subjacente que expressa a si mesma no universo real, existe aquilo de que a alma universal, o conjunto da vida e da forma não passa de expressão. “Tendo criado o Universo com um Fragmento de Mim mesmo, Eu permaneço”, diz a deidade na escritura Hindu, o Bhagavad Gita. Um deus imanente e também transcendente é o deus do mago.

O uno transcendental, de acordo com os ensinamentos mágicos, está refletido nas águas do caos e da noite antiga, e essa reflexão do supremo, conhecida como Adam Kadmon, traz a ordem ao caos. Como descreve um ritual de magia: “No começo havia o Caos e as Trevas e os portais da Terra da Noite. E o Caos clamou pela unidade. Então, ergueu-se o eterno. Diante do brilho desse Semblante, as Trevas recuaram e as Sombras fugiram.” Essa reflexão profunda, o Adam Kadmon ou o Grande Homem da Cabala, é o Logos “por quem todas as coisas foram feitas”, o brilho de sua glória e a imagem expressa da sua pessoa. Entretanto, nada nesse universo que não seja parte integral do Logos. Todas as coisas subsistem nessa unidade subjacente, como afirma o poeta grego citado por São Paulo “... pois nós também somos Seus rebentos”.

A alma humana é parte de um universo maior e é ela própria uma réplica desse universo. Na magia, costuma-se dizer que o homem é o microcosmo dentro do macrocosmo, o pequeno universo dentro do universo maior. Para o mago, não existe algo que se pareça com a chamada “matéria morta” no sentido vitoriano. Na verdade, porque sua visão é devido ao fato de já subsistir como parte da vida eterna, é que qualquer coisa material pode existir no tempo e no espaço. O que vemos “aqui embaixo” como um pedaço inerte de metal é, para o mago, a aparência material de inumeráveis centros de energia saindo dos mundos invisíveis para o centro vivo de tudo. “O Espírito do Senhor preenche a Terra”, e para o verdadeiro mago nada é vulgar ou sujo, tudo serve a um propósito e é expressão da vida do Eterno. Isso é declarado no ritual pelo adepto iniciado, que proclama: “Não existe parte de mim que não seja dos Deuses.”

“Os Deuses”. Será que os magos acreditam em muitos deuses? Sim, mas a visão que têm de sua natureza não é bem aquilo que se poderia esperar deles. Eles encontram no universo invisível um campo de poder no qual inúmeras forças interagem, cada qual sendo um aspecto do Supremo. E, nessas energias cintilantes e dançantes, eles vêem a unidade de uma vida, filhos de Deus, que evoluíram em universos precedentes e que, agindo como canais perfeitos para o supremo poder, são como lentes vivas através das quais o poder é emanado para baixo. Eles são os Dyans Chohans das escrituras orientais, os Ministros, Chamas do Fogo da Bíblia; e aquele raio de Seu ser essencial que flui da Unidade e é



refocalizado no tempo e no espaço é a “substância” no sentido teológico da qual se compõe o universal “real”, no qual as qualidades secundárias daquilo que chamamos de matéria se manifestam – criando os “acidentes” da teologia.

Dessa maneira, na filosofia da magia, não existe tal coisa como “matéria morta” *per se*. Toda a matéria, toda manifestação não passa de expressão de toda vida que tudo permeia – na verdade, é esta vida em uma de suas inumeráveis formas de existência. Acreditando, assim, na estrutura viva do universo, o mago conclui que, assim como o poder da unidade se manifesta por intermédio de Seus Ministros, também nos planos mais densos e mais inferiores de sua auto-expressão, inúmeras hostes de inteligências menores implementam Seus planos – “Anjos e Arcanjos, Tronos, Dominações, Principados, Virtudes, Poderes; Querubins e Serafins, Ashin e todas as Hostes Celestiais imemoriais” -, cada uma no seu nível.

O mago, vendo como o Supremo “constitui os serviços dos anjos e dos homens em ordem perfeita”, não se vê como um estranho no universo nem mesmo como um ser apartado dele, mas como parte dessa diversidade viva na unidade, e diz o velho iniciado grego: “Eu sou a criança da Terra, mas minha raça veio das Estrelas dos Céus.”

Desviando o olhar das moradas celestiais, o mago se vê em Malkuth, o Reino da Terra, e percebe que essa existência imperfeita, frustrante no corpo físico, é imperfeita porque, embora conheça via intelecto a realidade por trás das aparências, ele ainda não foi capaz de perceber essa realidade no plano físico. “Não sabeis que vós sois deuses”, diz a escritura cristã, e um poeta moderno cantou: “Saiba disso, oh, homem, a raiz úncia da falha em vós é não reconhecer a vossa própria divindade”.

Na entrada do Templo do Oráculo de Delphos na antiguidade estava gravada a seguinte inscrição: “Gnothi Se Auton” – Conhece-te a ti mesmo! A percepção da verdadeira natureza do eu é a meta do verdadeiro mago. Seguindo esse princípio e mirando seu interior, o mago contempla um mundo decaído. Ele vê que o plano primordial sobre qual o homem foi formado lá está, brilhando por todo o universo como a suprema harmonia e beleza e, através dessa luz, ele vê o ideal no qual o seu verdadeiro eu está fundamentado e pelo qual é sustentado.

Então, olhando para o exterior, ele vê em sua própria natureza e na natureza de tudo que o cerca as provas da queda e o potencial da perfeição. Mas em meio a essa queda ele vê as provas do retorno e, mediante o sofrimento de miríades de vidas, percebe que o caminho da salvação é o caminho do sacrifício.

Assim ele formula o velho axioma hermético *Solve et Coagula* que pode ser reconstituído como “Dissolve e reforma”, ele usa os ritos da Alta Magia para efetuar a dissolução e a reformulação.

Mas o que é dissolvido, e o que é reconstituído? Não a eterna centelha que “alumia o todo homem” – ao contrário, é o ego pessoal que, por tanto tempo, vem sendo visto por ele como seu único e real ser; essa personalidade à qual ele tenazmente se agarrou e defendeu, mirou e serviu; não passa de sua *persona* essa máscara que encobre o homem real, que tem que

ser dissolvida e reformada. Mas como aquilo que é imperfeito pode produzir a perfeição? “A natureza desassistida fracassa”, diziam os antigos alquimistas, e nas escrituras lemos “Somente o Senhor edifica a casa, o trabalhador trabalha em vão”. Assim, o mago, com toda humildade, procura o conhecimento e a conversação com o seu Sagrado Anjo Guardião – aquele verdadeiro eu, do qual a personalidade terrena é apenas uma máscara.

Esse é o objetivo supremo do mago. Tudo mais, trabalhos e encantamentos, rituais e círculos, espadas, baquetas e fumigações, tudo não passa de meios pelos quais ele chegará com triunfo ao final. Então, tendo-se unido a esse verdadeiro eu – mesmo por um tempo breve -, ele é instruído por esse governante interior na Alta Magia que um dia elevará a sua humanidade à sua divindade e então realizará aquilo que os mistérios verdadeiros vêm sempre declarando o objetivo verdadeiro do homem – a deificação.

A Magia e o Mago – E. W. Butler  
Ed Bertrand – 2ª Edição  
Magia: Ritual, Poder e Propósito  
Capítulo 4- Instrumento da Magia

É natural que os instrumentos da arte mágica costumem excitar a imaginação dos estudantes, e é justamente nessa palavra “imaginação” que se encontra a chave para o uso dos vários “aparatos” empregados pelo mago. Nesse negócio de “causar mudanças na consciência pelo poder da vontade”, o uso correto da imaginação é de importância elementar. Vamos, então, abordar essa faculdade da imaginação

Ela pode ser definida como o poder da mente em formar imagens mentais. Partindo dessa definição, veremos que as atribuições consagradas por seu uso, pelo chamado “homem prático”, são muito mais amplas do que se pensa, pois qualquer coisa a ser construída no nível prático precisa antes ser construída como ilustração imaginativa. O que o “homem prático” acha, obviamente, é que qualquer esforço imaginativo que não deságüe imediatamente em ganho material constitui-se em desperdício de tempo e esforço. Novamente, tal idéia está longe de ser verdadeira, pois muitas “imaginações”, que nunca trouxeram ganhos imediatos, abriram canais por onde tais concretizações pudessem ocorrer e também resultaram em realizações políticas e sociais duradouras.

É evidente, portanto, que o “homem prático” está longe de ser a melhor autoridade. O que os psicólogos têm para dizer? Eles lidam com a mente em seu trabalho cotidiano e podem ser capazes de nos dar o quadro mais verdadeiro.

Vamos retornar por um momento à nossa consideração sobre a personalidade humana. Nós a dividimos em três níveis – consciente, subconsciente e superconsciente – e sugerimos que os dois últimos são de maior importância em relação à mente consciente e vígil. Contudo, a mente consciente é parte com a qual estamos trabalhando e evoluindo neste planeta e por essa razão ela tem que ser a autoridade dirigente em qualquer processo de trabalho mágico e mental. Concedendo-lhe tal autoridade, precisamos também definir os limites dessa autoridade. Ela pode e deve dirigir, mas o trabalho tem que ser verdadeiramente feito no nível subconsciente.

A mente subconsciente é mais velhas, em termos de desenvolvimento evolutivo, do que a mente a consciente e retém um traço de seu passado imemorial que, como já dissemos, se processa por imagens e não por palavras. Cada um dos cinco sentidos físicos envia para o cérebro uma série de imagens visuais, tácteis, auditivas, olfativas, gustativas, essas imagens são relacionadas na mente subconsciente com as suas emoções correspondentes. Se, entretanto, alguém introduz imagens cuidadosamente selecionadas na mente subconsciente, pode, então, evocar uma emoção correspondente.

Uma vez que as emoções são aspectos subjetivos da energia instintiva que jorra dos níveis mais profundos da mente, fica claro que, pelo uso correto de tal evocação consciente, o “potencial” ou pressão da vida na personalidade pode ser imensamente intensificado. Podemos ver isso em sua forma pervertida na força descomunal mostrada por alguns lunáticos em seus momentos de insanidade ou, novamente, em sua forma mais elevada e

admirável, na maneira como nos erguemos diante do perigo repentino e realizamos façanhas que seriam impossíveis em condições normais. O fenômeno do hipnotismo nos mostra a mesma coisa, dentro de condições em que podemos estudar à vontade. No hipnotismo descobrimos que, uma vez que a fronteira ou “limiar” foi ultrapassado e os níveis do subconsciente autorizados a aflorar, qualquer imagem introduzida nesse momento terá efeito direto sobre o dinamismo da personalidade.

Em muitas escolas de pensamento místico e oculto, baseadas em fontes orientais, grande ênfase é dada à importância da meditação, e os sistemas de ioga do Oriente são utilizados como métodos de treinamento. Porém, quaisquer que sejam as vantagens da ioga, constatou-se que as desvantagens da aplicação da ioga do Oriente em corpos ocidentais são consideráveis, e por essa razão, se o mago ocidental usa a técnica iogue, ele emprega um sistema modificado, adaptado para o uso ocidental.

Dentro dos métodos puramente mentais de meditação, há a insistência no controle e na inibição dos sentidos corporais – diz-se que isso se faz necessário para calar pensamentos indesejados, manter a mente fixada de maneira irremovível sobre um único pensamento e recusar a permissão de qualquer estímulo sensorial distraia o praticante do objeto de pensamento escolhido.

No sistema mágico, contudo, as imagens que saltam na mente, procedentes dos vários sentidos, são usadas como “sugestões” para a mente consciente, a qual, devido a condição particularmente sensitiva, foi induzida a seguir a linha sobre a qual está se concentrando. Isso é uma forma de jiu-jitsu psíquico, no qual o verdadeiro poder das impressões dos sentidos é utilizado para tornar a mente consciente imune a essas distrações (dos sentidos).

Antes, contudo, que tais imagens possam produzir esses efeitos, duas coisas devem ser feitas. Primeiro, a mente tem que ser “condicionada” à imagem. Consciente e persistentemente, a imagem têm que ser conservada na mente e associada a emoção relacionada à mesma, até que, com a imagem mantida, automaticamente a emoção jorre no nível subconsciente. Segundo, tanto pelo próprio desempenho do ritual como por algumas formas de auto-hipnose, o limiar da consciência deve ser diminuído, para que o nível subconsciente possa emergir dentro da consciência e se tornar disponível para o poder sugestivo da idéia escolhida.

Assim como todos os instrumentos mágicos – a espada, a baqueta, a taça, o pentáculo, os círculos, os triângulos e senhas, as velas, as vestimentas, o incenso, as palavras sonoras de invocação e os nomes “bárbaros” evocação -, tudo trabalha por um processo sugestivo cumulativo sobre a mente subconsciente. Essas sugestões cumulativas resultam no que pode ser chamado numa mudança da “marcha” mental, e, por conseguinte, retornamos à nossa definição anterior de magia como “a arte de causar mudança na consciência pela vontade”.

Os níveis de consciência alcançados vão depender dos símbolos usados, e também da quantidade de associações conscientes de idéias que os estudantes traçam. A magia, longe de ser uma superstição irracional, está baseada, como será observado, em profundas leis psicológicas e possui sua própria técnica especial. Não estamos aqui comprometidos com

os sistema oriental de magia, uma vez que este livro é escrito para as pessoas do Ocidente e se baseia na teoria e prática das escolas ocidentais.

A “Tradição Ocidental”, para lhe dar o seu nome técnico, é uma estrutura composta que engloba as técnicas de magia de todos os povos do Mediterrâneo, por um lado, e os sistemas mágicos dos povos celtas e nórdicos, por outro. O homem leigo, se dá-se ao trabalho de discutir sobre magia, normalmente emite uma idéia preconceituosa, baseada nos fragmentos da prática mágica medieval. Tais fragmentos, originários dos Grimórios mágicos, fornecem um quadro muito imperfeito do que a Magia do Ocidente realmente é, mas são normalmente usados pelos nossos críticos como prova de quanto são tolos e supersticiosos os praticantes da magia. Contudo, a mesma linha argumentativa poderia ser seguida por qualquer crítico, digamos, a respeito da Igreja Romana, e, de fato, a própria expressão *Hocus Pocus*, que é geralmente dirigida contra a prática da magia, é a distorção protestante da parte mais solene da Eucaristia Cristã – *Hoc Est Enim Corpus Meum* – Este é o meu corpo. Foi por certos abusos e superstições que essa locução passou a ser usada contra o padre católico romano como contra o mago.

Contudo, o critério mais equilibrado e verdadeiro é considerar o melhor, e não o pior, em qualquer instituição humana. Equidistante de qualquer afirmação feita pela Igreja Católica sobre ela ser um corpo sobrenaturalmente organizado, ou pelos adeptos da magia de serem detentores de uma sabedoria que tem sido transmitida desde “tempos imemoriais”, é evidente que suas respectivas organizações são compostas por seres humanos falíveis, cujas falhas e imperfeições irão inevitavelmente afetar a apresentação de suas crenças e doutrinas.

A Tradição Ocidental afirma ser ela própria herdeira de um corpo de conhecimentos e práticas, que vêm sendo transmitidos desde a mais remota Antiguidade, e que a filosofia central em torno da qual ela se organiza é o corpo místico do ensinamento hebreu, conhecido como Cabala. Essa palavra em si conduz a idéia de segredo, uma vez que ela significa transmissão do conhecimento oral, “de boca a ouvido”, e, sem dúvida, essa tradição oral antecedeu de muito a compilação e edição de obras, tais como o *Sepher Yetzirah*, um dos pilares da Cabala.

Em todos os sistemas de treinamento mágico ou místico, sempre vamos encontrar ao lado de certos ensinamentos filosóficos, um símbolo ou um grupo de símbolos, com significação especial para os seguidores do sistema. Tais símbolos são conhecidos no Oriente como “mandalas”, e alguns são extremamente complicados.

Na Tradição Ocidental, o glifo ou símbolo composto, base de todo seu ensinamento místico, é o diagrama conhecido como *A Árvore da Vida*, e este glifo é descrito como o “mais poderoso e abrangente do universo e da alma humana”. É sobre a Árvore da Vida que todos os elaborados detalhes da Magia Cerimonial do Ocidente estão baseados.

Se, por exemplo, o mago está tentando uma operação de Júpiter, ele usará as propriedades que estão associadas a Júpiter, na Árvore da Vida. Por exemplo, ele deverá usar uma túnica azul-clara, queimará incenso de cedro, acenderá quatro velas, e usará o nome hebreu da Esfera de Júpiter.

Notem que o mago está usando o princípio da “associação de idéias”, mas é necessário destacar que tais associações dependem primeiramente do vínculo mental entre os vários detalhes e a idéia central. Esse vínculo pode ser criado voluntária ou involuntariamente. No primeiro caso, isso é feito associando-se as idéias de forma consciente e deliberada; no segundo caso, a associação é imediata e subconsciente. Fazer um nó num lenço serve como um lembrete de que se tem que comprar alguma coisa em particular; esse é um exemplo da primeira categoria, enquanto a associação entre, digamos, salsichas e aviões é um exemplo natural da segunda.

Tais associações involuntárias freqüentemente parecem ser mais poderosas do que as criadas deliberadamente, pois elas representam as operações diretas da mente subconsciente.

Mas os vínculos de associações deliberadas podem ser igualmente poderosos se forem corretamente construídos, e esse treinamento da imaginação pictórica que é a base da prática mágica. Por intermédio desse treinamento deliberado torna-se possível ligar certas imagens pictóricas ou sensoriais com suas emoções correspondentes, e a associação dirigida faz com que a resposta emocional apropriada surja sempre que as imagens sensoriais são recebidas. Tudo isso, no entanto, ainda está na superfície da consciência.

Se quisermos que a nossa esteira de associações funcione com o poder da evocação mágica, então precisamos usar alguns apetrechos para com eles imprimir-la em níveis mais profundos da mente subconsciente, onde ela será capaz de produzir resultados definidos. Para esse fim, alguns apetrechos auto-hipnóticos podem ser empregados, como por exemplo o rosário ou até mesmo a repetição silenciosa do próprio ritual. O rosário, é claro, comumente associado à Igreja Católica, mas os muçulmanos e os budistas usam-no como instrumento de concentração. Outro apetrecho técnico auto-hipnótico é o que é conhecido como “luzes faiscantes”.

Porém, antes que a evocação do subconsciente possa ser realizada de forma segura, é necessário que se faça algum trabalho nas bases do caráter, e isso será discutido no próximo capítulo.

A Magia e o Mago – E. W. Butler  
Ed Bertrand – 2ª Edição  
Magia: Ritual, Poder e Propósito  
Capítulo 5- Os Reis de Edom

O treinamento do caráter, para o mago, é algo muito diferente do que o homem comum considera ser, pois o treinamento do caráter mágico envolve a reeducação firme e objetiva de ambas as mentes – consciente e subconsciente. Os métodos normais de construção do caráter concentram-se quase inteiramente sobre a mente consciente, atingindo níveis subconscientes apenas superficialmente, se tanto. Não se deve pensar, entretanto, que o mago é transviado na direção oposta. Ele cultiva de igual forma os níveis consciente e subconsciente, mas uma vez que percebe que o subconsciente é a maior parte da mente, ele naturalmente tende a dar-lhe a maior parte de sua atenção.

Quando, seguindo o postulado oculto, o mago deita seu olhar interno sobre sua própria personalidade, ele vê, como dissemos antes, que essa personalidade é em grande parte imperfeita e descosturada, e percebe que antes que uma verdadeira superestrutura possa ser construída, será necessário demolir muito do atual edifício. Surge, então, a questão do quanto pode ser demolido com segurança, e como deve ser o teste que dirá qual a parte que deverá vir abaixo e qual deverá ser preservada.

Isso envolve a consideração do que constitui o mal, uma vez que é evidente que serão os aspectos malignos da personalidade que serão derrubados. Mas como podemos ser capazes de definir o que é o mal? Muitas coisas consideradas “más” por algumas pessoas não o são por outras! Existe algum teste básico pelo qual poderemos avaliar? A resposta é que existe um tal teste que é fornecido pelos sistemas cabalísticos na história de Abraão e os Reis de Edom. Essa história se encontra no *Gênesis*, capítulo XIV, e para nossos objetivos vamos resumi-la aqui. Aqueles que preferirem, poderão então ler a narrativa na íntegra. Resumidamente, Abraão armou uma expedição punitiva e derrotou as forças inimigas, libertando seu sobrinho. Aqueles contra quem lutou são chamados “Reis de Edom”, e nos textos cabalísticos são mencionados como “aqueles que reinaram, antes de haver um Rei em Israel”.

Ao retornar da Batalha, onde aniquilou os Reis, Abraão foi parado por um misterioso ser – Melkisedek, Rei de Salém, Sacerdote do Deus Altíssimo, que ministrou-lhe a mística Eucaristia do Pão e do Vinho, e o abençoou. Na *Epístola aos Hebreus*, esse Melkisedek é descrito como “sem pai nem mãe, não tendo dia de início e nem de fim de vida, e que perseverou no Sacerdócio para sempre”. As probabilidades são que essa história pode ser lida em sua versão desmistificada. O chefe nômade Abraão, em aliança com outros, derrota o inimigo comum e é abençoado pelo sacerdote local.

Os cabalistas, entretanto, liam os livros do Velho Testamento de uma maneira um tanto quanto diferente. O Tora, a divina “Nemos”, como era descrita, era o Corpo da Lei, mas, assim como é inerte e inútil se não for animado\*, assim a Lei da escrita era útil inútil sem o seu espírito conformados – a Cabala. Assim, nessa história de Abraão e os Reis de Edom, cada personagem representa parte da personalidade humana, e a ação da história mostra a interação dessas partes da mente.

\*usado nesse contexto como movido pela *anima* ou alma.

Antes, porém, de tratar das aplicações mágicas e esotéricas da história em questão, vamos considerar o problema do mal em si. O que é “mal”? A Doutrina Mágica afirma que há vários tipos de mal, alguns dos quais, para se usar um paradoxo, não são males! O primeiro tipo de mal é a resistência inata da forma à força. A forma organizada opõe resistência a força do livre movimento, mas essa própria restrição e oposição propiciam o controle e o direcionamento da força.

Na vida física, observamos que o atrito entre os pés e o solo habilita-nos ao movimento para frente. Num mundo onde não tivesse atrito, caminhar seria impossível, e a força seria ineficiente – e esse princípio de restrição funciona para outros campos. Pela restrição da câmara de compressão, do cilindro e do pistão, o vapor é comprimido e posto para trabalhar. Assim, esse mal da “inércia” não é na realidade, um mal verdadeiro, mas parte da engrenagem desse universo em evolução.

Existe, entretanto, uma forma de inércia que ultrapassa essa normal e benéfica que, essa sim, pode ser verdadeiramente chamada de mal. É a inércia da amorfia e do caos – o “Aborto do Espaço”, as Areias Movediças Cósmicas. Aqui não há resistência definida – não existe o trampolim a partir do qual a vida possa galgar maiores altitudes. Mas da mesma forma como as areias movediças não permitem a “decolagem”, arrastando para baixo tudo que nelas cai, assim se dá com o caos cósmico. A vida emergente, não achando resistência, não encontrando sustentáculo para sua alavancagem, pode ser absorvida e tornada impotente nesse “Caos e Escuridão, e nos Portões da Terra da Noite”.

A terceira forma de “mal” é chamada de “força desequilibrada”. Aqui uma força ou energia completamente boa e utilizável foi deslocada no espaço ou no tempo, e o desequilíbrio resultante é definitivamente mau. Vamos analisar um ou dois exemplos de tais forças desequilibradas. O carvão na lareira está servindo a um propósito útil e benéfico, aquecendo o ambiente. Mas, se ele cair no carpete, imediatamente se tornará mau. Incendiará o cômodo, causará prejuízo, podendo provocar perda de vidas. A água no banheiro é boa, mas se essa escapar do banheiro e descer as escadas, será má. Estes dois exemplos podem servir como exemplo de deslocamento no espaço. Existem também deslocamentos no tempo. Esses podem ser de dois tipos: reversão para o passado ou antecipação do futuro.

Reversão para os padrões morais e éticos de um nível inferior e mais primitivo da cultura humana é mau para o moderno mundo civilizado, uma vez que se trata de uma regressão definitiva no processo de evolução. Mas seria igualmente mau se, com as limitações e perspectivas mentais dos dias atuais, a pessoa alcançasse o futuro distante e tentasse materializar, com as condições do século XX o estágio civilizatório que possivelmente virá a ser a norma das pessoas de, digamos, daqui a 10 mil anos. Para usar uma observação expressiva, este autor ouviu o seguinte: “O leão pode deitar-se com o cordeiro, mas ele precisará alterar seus sistema digestivo completamente”.

Essa antecipação do futuro é a falácia por trás da atitude pacifista. Uma vez que tal atitude só é viável em uma comunidade bem politizada, é claramente insustentável como política



nos tempos atuais. Aqueles que porventura sintam que isso é uma condenação cínica do que temos sido ensinados pelos grandes doutrinadores religiosos, nós os remetemos aos “Conselhos de Perfeição” dos católicos. Sempre a idéia do futuro tem que ser vislumbrada, mas embora essa versão deva ser força de inspiração com tendência à sua própria realização, o estabelecimento prematuro de tais condições é mau.

Esses tipos de mal podem ser chamados positivos, mas existe também o que pode ser chamado de mal positivo-positivo. Aqui chegamos num ponto que, nos dias modernos, costuma ser freqüentemente negligenciado – a existência do mal organizado. É como se a ressaca materialista do século XIX tivesse levantado algumas inibições inconscientes na mente do homem moderno, tornando-se, desse modo, extremamente difícil para ele perceber que o mal organizado pode existir e existe, não só no plano físico, como no suprafísico.

As bestialidades premeditadas realizadas durante a Segunda Guerra Mundial deveriam ter aberto os olhos de alguns de nossos idealistas para a possibilidade do mal organizado. Dissemos “deveriam ter” deliberadamente, uma vez que alguns amigos nossos – idealistas até o âmago – nos contaram recentemente que todas as histórias das atrocidades eram absolutamente sem fundamento, pura propaganda, já que “ninguém poderia ser tão mau a ponto de fazer tais coisas!”. Sugerimos que eles deveriam comparecer aos tribunais e ver um pouco das provas fornecidas em alguns dos casos mais sórdidos que vieram a ser julgados. A sugestão foi recusada com uma manifestação de emoção tal, que sugeriu que o Velho Adão não estava inteiramente extinto, mesmo em seus corações pacifistas!

Todas as antigas religiões falaram sobre o mal espiritual organizado, e a fé cristã o personificou em Satã. São Paulo fala de tal mal organizado nos níveis suprafísicos quando diz: “Pois que não combatamos contra a carne e o sangue, mas contra os Principados, contra os Poderes, contra os Dirigentes das Trevas do Mundo Atual, contras os Espíritos da Perversidade nos Lugares Exaltados.”(Eph: Capítulo VI, verso XII).

No processo de evolução do universo, vários tipos de energia foram deslocados e depois incorporados ao pensamento mal-direcionado do todo da humanidade em evolução ao longo dos tempos. Assim, a atmosfera psíquica deste planeta fica periodicamente carregada e encoberta pelas más “vibrações”, até que em certo ponto no tempo a vida em evolução é posta em cheque. É aí então que as grandes almas vêm a Terra para reconduzir as mentes dos homens aos caminhos da sabedoria e da paz e “tirar um pouco da pesada carga de pecado e do sofrimento do mundo”.

O mais rico e significativo desses ciclos evolucionários chegou por volta de 2 mil anos atrás, quando o nadir da configuração da vida em sua forma física foi alcançado e a totalidade da vida manifestada correu perigo de ser completamente encurralada e desvirtuada. Então, Ele veio, a manifestação encarnada do Logos, o Senhor da Luz; e, pela Sua Identificação com a totalidade da raça humana, ele amealhou em si todas as más condições do planeta e, pelo poder que era Seu, transmutou-as em condições e influências mais elevadas – uma alquimia em nível mundial!

Assim também, com sua vida e morte, Ele estabeleceu uma linha de contato direto entre Deus Transcendente e a humanidade em evolução ao longo da qual pudessem fluir para a alma do mundo as forças divinas de regeneração, e, assim, “um caminho novo e vivo” estava criado, por onde a humanidade podia entrar no Mais Abençoado dos Lugares.

Na parábola do filho pródigo, podemos ver que não somente o filho pródigo partiu em sua longa e atormentada viagem de volta ao lar, mas também, quando ele ainda estava bem longe de casa, seu pai o viu e correu para encontra-lo. Da mesma maneira, o Logos transcendente precipita-se sobre os Seus filhos em evolução, e, à medida em que esses trilham o caminho que toda a humanidade deve trilhar, o Senhor da Luz, que é também o Senhor do Equilíbrio, harmoniza as forças desequilibradas do universo.

Assim isso também está no coração de cada indivíduo, e por essa razão também se diz ao estudante de magia que, num ritual, ele pode receber o Pão Sagrado da Vida Imorredoura e o Cálice da Eterna Salvação “quando tiver matado os Reis das Forças Desequilibradas em sua própria Natureza interior”.

Essa conquista do equilíbrio é de extrema importância para alguém que deseje trabalhar com a Alta Magia, de forma que o seu espírito possa se manifestar por meio do Véu do tabernáculo terrestre, e é também por essa razão que, na Tradição do Oriente, é dito que a Discriminação é a primeira virtude do caminho. Pois o poder da Luz Interior, descendo pela personalidade mais densa, energiza e ativa todos os seus níveis bons e maus, o complexo dissociado explode, e toda a natureza psíquica e mental é posta a fermentar. Assim, por conseguinte, quem quer que, sendo indigno e tendo a personalidade desequilibrada, beba do Graal do Sagrado Anjo da Guarda está bebendo sua própria condenação, pois as poderosas forças que ele invoca o dilaceram, inflando seu falso ego, intensificando suas paixões desequilibradas e finalmente começando a desintegração da própria personalidade. Para esse, o símbolo é o da “Torre Fulminada” do Tarô, pois a casa de sua vida é destruída pelo Fogo do Céu e ele segue “fugindo para onde ninguém alcança”, um filho da Perdição, uma Estrela Cadente, para quem está reservada a Escuridão das Trevas, pelos Tempos dos Tempos.

Que tal destino aguarda todos os que se dediquem à Arte da Magia é certamente falso, e, aliás, rituais de magia, adequadamente usados, podem ser da maior utilidade na produção do estado de equilíbrio interior, em que é baseado a Grande Obra. O neófito é alertado de que, acima de todas as coisas, tem que cultivar a verdadeira humildade – não a humildade do *Uriah Heep*, mas a humildade Dele, que disse: “Eu estou entre vós como O que serve”. No primeiro grau de certos Mistérios, o neófito aproxima-se do Leste na posição ritual de humildade, a cabeça baixa e as palmas das mãos para o lado exterior, e é instruído de que somente pelo serviço altruísta na Luz poderá obter o poder para avançar até o Lugar Mais Sagrado.

A Magia e o Mago – E. W. Butler  
Ed Bertrand – 2ª Edição  
Magia: Ritual, Poder e Propósito  
Capítulo 6- Invocação e Evocação

“Eu posso chamar os espíritos das profundezas”, exclamou um dos personagens de Shakespeare, ao que seu amigo retrucou “Ora, eu também posso, e assim também pode qualquer homem; mas será que eles virão quando chamados?” Esse é, certamente o x do problema. O homem comum tem uma concepção excessivamente cética do assunto e, resolutamente responderia à pergunta com um categórico “Não!”, e consideraria o esforço do mago tresloucado uma coisa vã. A superstição popular também tem tratado o mago como aquele que conjura ou afirma conjurar habitantes dos mundos invisíveis.

Tendo em mente a nossa definição de magia como a arte de causar mudanças na consciência pela ação da vontade, fica evidente termos que considerar em primeiro lugar toda a questão da invocação e da evocação do ponto de vista subjetivo. Em outras palavras, partindo do pressuposto de que, por um momento, o mago possa “conjurar em forma visíveis” seres de outras ordens de existência, mostraremos que é a própria personalidade do mago o canal pelo qual tais manifestações são produzidas.

Constitui-se em um princípio fundamental, nas escolas esotéricas do Ocidente, os planos da natureza serem distintos, não contínuos, cada plano de existência tendo as suas próprias leis e seus próprios métodos peculiares de trabalho, não exercendo influência direta sobre nenhum outro plano. Qualquer que seja a influência exercida, ela será indireta ou “indutiva”. O fenômeno de indução elétrica fornece um paralelo bem semelhante para essa afirmativa. Se um fio, por exemplo, por onde passa uma corrente alternada ou contínua, for colocado perto, mas não tocando outro fio similar, ligado por sua vez a um galvanômetro, mas sem estar ligado a corrente alguma, ver-se-á que, à medida que o fio carregado de energia chega mais próximo do outro, o mostrador irá registrar que uma corrente elétrica foi gerada no segundo.

Além do mais, será constatado que se o galvanômetro for colocado no fio carregado eletricamente e se o segundo rolo tiver sua resistência alterada, o fluxo livre no primeiro fio será detido ou aumentado, mostrando assim que os fios agem um sobre o outro. Assim é também com os planos de existência. Um é *negativo* ou *receptivo* ao que é mais elevado do que ele próprio, e *positivo* ou *dinâmico* ao que lhe é inferior. Mas, da mesma forma, o inferior age sobre o superior, essa é a justificativa para a afirmativa bíblica de que o Reino do Céu “sofreu uma violência e foi tomado por uma tempestade”.

Descobriu-se pela experiência que os níveis podem entrar em contato direto uns com os outros através da lente de uma consciência organizada de um tipo ou de outro. O melhor ponto de contato é o de uma consciência humana treinada e equilibrada. A mente humana contém dentro de si os parâmetros vibratórios de todos os planos e, ao tocar certos pontos, uma ligação pode ser feita com a existência daquele nível. É o processo de “sintonizar”, tal como acontece no rádio, e aqui novamente a analogia com a eletricidade é muito apropriada. Quando sintonizamos no nosso programa de rádio favorito, qualquer que seja

ele, não ouvimos a voz real do cantou ou o som real do instrumento. O que ouvimos é uma *reprodução* projetada de voz ou do som do instrumento real.

Assim também acontece com a invocação e a evocação. Fazemos contato, por meio da nossa própria consciência energizada, com a consciência dos seres que procuramos evocar, e a “aparência visível” é apenas uma *projeção* da nossa própria mente (assim, aliás, é a imagem visível que formamos quando usamos os nossos olhos físicos! A vibração da luz atinge a retina, envia impulsos elétricos para o centro óptico, e aí projetamos uma imagem mental correspondente a esses impulsos).

Em ambos os casos, no entanto, essa reação é causada por uma realidade objetiva de alguma espécie, seja ela física ou suprafísica, e aqui chegamos ao que pode ser denominado de ponto de vista “objetivo”.

A tradição afirma que todas essas existências existem *per se* e têm seu próprio lugar na natureza. Mas – isso é importante – as aparências vistas são condicionadas pelo mecanismo mental subjetivo do próprio mago. Também por intermédio desse mecanismo o poder e a energia desses invisíveis são trazidos para a consciência vígil ( não é o poder *real* dos invisíveis que é trazido, mas sim o efeito do contato da consciência do mago com a do ser evocado ou invocado que põe em atividade a força correspondente dentro dele mesmo, e é esse poder correspondente que é projetado e produz os resultados desejados).

É importante notar a diferença entre “invocação” e “evocação”. Na invocação, agimos de maneira a atrair a atenção de algum ser de natureza superior à nossa própria ou alguma força cósmica de ordem superior. Na evocação impomos nossa vontade sobre seres de uma ordem inferior de existência e os compelimos a executarem nossos desejos. Em ambos os casos, o contato real ocorre por meio de nosso contato com o canal mental, mas desenvolveu-se uma técnica mágica por onde a diferença essencial entre os dois tipos de influências – a superior e a inferior – pode ser mostrada diante do mago. Há uma razão para isso – caso haja alguma confusão na mente do mago, os resultados poderão ser desastrosos.

Por um momento, vamos considerar isso do ponto de vista psicológico.

Se as forças ou os seres convocados pela invocação representam a superconsciente da mente, então os seres que respondem que respondem aos comando evocatórios do adepto representam, ou melhor, trabalham ao longo dos níveis subconscientes. Mas, enquanto os contatos supraconscientes tendem na direção de uma maior e mais efetiva integração da mente, os subconscientes tendem, se não forem controlados, a causar sua desintegração total ou parcial, como C.G. Jung demonstrou. Desse modo, a Tradição da Magia desenvolveu dispositivos técnicos conhecidos como “Círculo de Segurança” e o “Triângulo da Arte”, sendo todo o conjunto conhecido como “Local de Trabalho”.

Por meio de certos rituais, o lugar onde o trabalho mágico será realizado é purificado eletricamente no plano objetivo, e psicologicamente no plano subjetivo, e um Círculo de Segurança é riscado no chão como uma fortaleza dentro da qual o mago pode trabalhar. Então, o Triângulo da Arte é desenhado fora do Círculo, pois no caso da Evocação, é necessário que a manifestação objetiva dos seres evocados seja mantida dentro dos limites e

sob rígido controle, devendo haver, na mente do operados uma nítida distinção psicológica entre ele mesmo, como a força positiva ou dominante, e as forças inferiores ou seres que lhe são negativos.

A purificação do Local de Trabalho é feita na magia ocidental pelo que ficou conhecido como Ritual Menor de Banimento do Pentagrama, ou em outros casos, pelo Ritual do Hexagrama. O Ritual Inferior do Pentagrama é mais freqüentemente usado, e sua eficácia pôde ser atestada por esse autor, que o realizou em muitas ocasiões. Ele é uma combinação de sinais geométricos feitos pelo operador, Nomes de Poder que são entoados por ele, certas imagens mentais que são visualizadas muito fortemente e a invocação definida de certas forças Arquiangelicais.

Novamente, olhando pelo ângulo psicológico, o que estamos fazendo é reafirmar, por palavras e sinais, a soberania do Eu Superior, enquanto pelas invocações, atraímos sobre nós mesmos alguns de seus poderes que são liberados pela ação da existência de outras ordens superiores a eles.

Em sua grande maioria, os casos de invocação ou evocação “em forma visível” são percebidos somente pela visão psíquica, nada sendo visto no plano físico. Onde ocorre a visibilidade material, temos outro processo operando, o da “materialização”, Para que tal materialização aconteça, é necessário que esteja presente alguma fonte de uma substância peculiar conhecida pelos espiritualistas como “ectoplasma”. Uma das suas fontes e a mais efetiva é o organismo corpóreo de uma dessas pessoas conhecidas como “médiuns de materialização”. São pessoas que possuem certo poder ainda muito pouco compreendido, que as capacita a ejetar ectoplasma em grandes quantidades. Chama-se ectoplasma por ser um plasma peculiar, uma substância viva que é secretada e se manifesta do lado de fora do organismo físico do médium.

O ectoplasma parece se prestar a ser moldado pelo pensamento e pelo desejo em formas – de fato, uma das suas características é uma tendência inata para a organização. Os registros até aqui obtidos pelos espiritualistas e observadores de mente aberta, como Sir William Crookes, o Barão Shrenk-Notzing e o Dr. W. J. Crawford, sugerem que o ectoplasma é a substância básica do protoplasma vivo e, como tal, é a matriz do organismo físico.

Achamos, entretanto, que existem outras origens de ectoplasma, ainda que sejam de tipos diferentes e emitidos somente em pequenas quantidades. Antes de passarmos a essas fontes, vamos mencionar rapidamente um método de se obter ectoplasma suficiente para uma materialização. Esse método consiste no uso de sangue fresco de um animal. Há referências disso ao longo da história, e Homero o citou. Existe uma obscura lenda gnóstica que diz terem os sininhos de ouro, usados nas vestes dos altos sacerdotes judeus, a finalidade de os seres evocados pelos sacrifícios de sangue no templo a assumirem formas feições humanas ao invés de suas grotescas formas. Qualquer um que se dê ao trabalho de estudar os detalhes dos Sacrifícios do Templo irá compreender a força dessa lenda e também se convencerá de que havia sangue suficiente para qualquer materialização .

Pode-se garantir a eficácia do sangue fresco como base de tal materialização. Bem recentemente, um caso de “assombração” investigado por esse escritor provou ter como

base de sua manifestação exatamente tais emanações de sangue. Uma vez retirada a base material, as manifestações objetivas cessaram, e a atmosfera psíquica subjetiva foi facilmente dissipada por um ritual de banimento. Pode-se observar, de passagem, que muitos casos de “assombrações” são, na verdade, o esforço dos assim chamados “mortos” para fazer contato com o mundo que eles deixaram, e os espiritualistas desenvolveram uma técnica bastante efetiva que permite à pessoa desencarnada ter a oportunidade de fazer contato consciente com aqueles na Terra que são capazes, por conhecimento dos mecanismos psíquicos, de ajuda-los nos ajustes necessários às novas condições de vida.

Voltando à nossa consideração sobre as fontes de outros ectoplasmas além da dos médiuns de materialização ou das emanações do sangue, uma das mais usadas nos ritos de magia é um incenso peculiar conhecido como *Dictamno de Creta*. Flores frescas também liberam uma apreciável quantidade dessa substância de forma rarefeita, assim como a chama das velas. No trabalho de magia, os procedimentos com sangue nunca são empregados, e o uso do médium também é evitado por causa da depressão da vitalidade que isso pode provocar. O uso do incenso está livre dessas desvantagens, mas as formas que são evocadas para “aparência visível”, embora claramente perceptíveis para a visão, não possuem a solidez daquelas produzidas pelos métodos anteriores.

Embora a evocação para aparência visível seja uma das façanhas mais espetaculares da arte da magia, ela não é freqüentemente empreendida, pois para a maioria dos propósitos é suficiente a “aparência visível” o seja para a visão psíquica. É suficiente o operador estar habilitado a perceber objetivamente os seres evocados – compreensão consciente e percepção direta deles dá ao mago poder sobre eles! Outra vez aqui vamos encontrar um paralelo com o campo psicológico; os “complexos” dissociados ou reprimidos da mente são controlados pela percepção consciente dos mesmos. Além disso, quando espíritos de natureza “benéfica” são evocados, podemos novamente recorrer a chave psicológica, pois é fato que a clara percepção de uma faculdade mental resulta no rápido desenvolvimento daquela faculdade no indivíduo em questão.

E uma tal percepção subjetiva também significa que, por meio da lei da indução simpática, entramos em contato com seres objetivos e forças de tipos similares existentes nos mundos interiores. É isso que dá validade às afirmações dos “grimórios” medievais ou livros de magia como: “Os Espíritos de Mercúrio dão compreensão da Ciência”.

Tendo completado a evocação, torna-se necessário despedir os seres evocados. Podemos empregar aqui uma analogia elétrica e dizer que é necessário descarregar nosso círculo carregado, “aterra-lo” e, desse modo, levar de volta a força evocada para seu lugar normal na economia natural. Essa liberação é produzida pela “Licença para Partir”. Aqui vai uma típica licença para partir. O mago faz sobre si a Cruz Cabalística e se dirige aos seres que evocou da seguinte maneira:

“Por ter aparecido claramente entre nós e realizado aquilo que vos foi ordenado, parti agora em paz para o vosso próprio mundo. Que a paz esteja entre nós, que estejais sempre pronto a obedecer à convocação, que as bênçãos de Adonai caiam sobre vós, assim como nós sejamos capazes de recebe-las.”

O mago, então, prossegue, usando os dispositivos técnicos do “Fechamento do Portão”, retirando sua atenção tanto consciente quanto subconsciente dos níveis do plano interior e se refocalizando no plano físico. Isso é o mais importante, pois impede a mente de se desintegrar, o que é o resultado habitual da evocação descontrolada do subconsciente. Caso o mago tenha invocado inteligências superiores, a licença para partir é desnecessária, mas o Fechamento dos Portões continua sendo necessário. Algumas autoridades afirmam que, na Eucaristia, as palavras *ite missa est* no final do serviço são, de fato, não uma licença para partir, mas uma declaração aos seres angelicais que tomaram parte no serviço de que o seu trabalho está concluído. Não se trata de uma ordem taxativa de que partam.

A Magia e o Mago – E. W. Butler  
Ed Bertrand – 2ª Edição  
Magia: Ritual, Poder e Propósito  
Capítulo 7- Magia Magnética

Quando o Dr. Mesmer atraiu, pela primeira vez, a atenção internacional, no século XVIII, sobre suas notáveis curas e sua doutrina peculiar, o mundo ocidental estava apenas começando os estudos mais sérios das mais recônditas forças da natureza, como a eletricidade, o magnetismo e a gravidade.

Mesmer, na tese de seu doutoramento, delineou uma teoria do universo que era e ainda é a da Tradição Esotérica Ocidental, embora, em sua forma pública, por necessidade, apresentasse apenas uma sombra de sua real configuração. Resumidamente, Mesmer viu todo o universo como uma unidade viva, em que cada parte era afetada e, por sua vez, afetava todas as outras partes.

A saúde, portanto, estava em cada parte se ajustando a outra parte, dando o máximo de sua capacidade para dirigir, controlar e manter a vida como um todo.

Ele ensinou que essa vida formativa poderia ser transmitida de um ser para outro e afirmava que essa força era funcional e apartada das energias do plano físico que estavam sendo estudadas pelo mundo científico. Particularmente, essa força universal está por detrás e se manifesta por meio do fenômeno do magnetismo, afirmava Mesmer. Ele se utilizava de varetas magnéticas, que, segundo sua teoria, possuíam poder curativo por causa dessa força universal; porém, mais tarde, não só ele, mas também seus seguidores, passaram a ensinar que essa força era igualmente emitida dos organismos humanos. Foi assim chamada de “magnetismo animal”, e a escola dos magnetistas animais, entre os quais havia nomes como os de Puysegur e o Barão du Potet, desenvolveu suas teorias e práticas segundo essa linha de pensamento.

Quando o Dr. James Braid desenvolveu a sua própria teoria do “hipnotismo”\* e, mais tarde, quando os seguidores de Charcot e os membros da assim chamada “Escola de Nancy” elaboraram a teoria da “Sugestão”, o “fluido” de Mesmer foi descartado, e a própria idéia do magnetismo animal, ridicularizada. Mas embora fosse “salutar” desmentir a existência do fluido magnético, houve quem tranquilamente trabalhasse na linha indicada por Mesmer e du Potet. Um dos notáveis nomes dessa vertente é o do Barão Reichenbach, que conduziu exaustivas pesquisas naquilo que chamou de “força ódica” ou, mais simplesmente, “Od”. Suas pesquisas estabeleceram claramente a existência de uma força que subjaz a todas as forças naturais.

\*Uma moderna pesquisa sobre esse assunto pode ser encontrada no relatório *Proceedings of the Society for Psychical Research*, Vol. XXXII, de julho de 1921, no artigo “Problems of Hipnotism”, do Dr. Sidney Alritz, catedrático de Psicologia da Universidade de Upsala.

Dessa maneira, os sensitivos que agiam como seus observadores podiam ver, na total escuridão, uma “chama”, como eles denominavam, emanando da ponta de um arame, cuja outra ponta havia sido exposta à forte luz solar ou ao luar. Os experimentos mostraram que,



se a ponta fosse recoberta com uma proteção, os observadores notariam o desaparecimento da chama ódica, embora não tivessem sido alertados para qualquer alteração no procedimento experimental.

Observou-se que chamas ódicas similares estavam associadas com os pólos eletromagnéticos e imãs. O corpo humano pôde ser visto irradiando essa mesma força. Um toque de humor surge aqui quando se descobriu serem os lábios humanos grandes fontes irradiadoras de fluído ódico, o que esclareceria o poder e a eficácia dos beijos dos amantes apaixonados!

Na atualidade, as pesquisas do Dr. Killner e o uso de instrumentos de medição elétrica altamente sensíveis mostram que a existência dessa força ódica é cada vez mais aceita. Podemos até usar o termo “magnetismo”, desde que fique claro não ser o mesmo magnetismo estudado pelos físicos e engenheiros elétricos, embora lhe possa ser associado.

Esse magnetismo animal, portanto é uma força ou energia real emitida automaticamente pelo animal e pelo ser humano saudável, mas também pode ser conscientemente desenvolvida e direcionada, e é esse poder direcionado e intensificado a base do ramo da magia com a qual iremos lidar agora.

Será de grande ajuda para o leitor, para melhor compreender o fenômeno do magnetismo, pensar nessa força como “fluído magnético”. Talvez o fenômeno do *rádio* possa proporcionar alguma analogia. Sabe-se que, num pequeno grão de *rádio*, existem inúmeras diminutas partículas irradiando em fluxo constante, e esse fluxo é mensurável enquanto força definida, embora seja composto por essas partículas extremamente pequenas.

A força magnética também possui a mesma natureza dessa emanção, uma substância extremamente sutil que pode ser direcionada e controlada pelo pensamento e pela vontade. Essa energia pode ser acumulada, concentrada ou absorvida por certos materiais, enquanto outros objetos agem como isolantes. Nisso parece haver alguma relação indireta com a eletricidade, pois muitos dos isolantes elétricos são também isolantes magnéticos, embora existam algumas exceções intrigantes. Todos os metais são bons condutores de magnetismo, o óleo e a água o absorvem prontamente, embora o óleo o conserve por período mais longo. Lã e papel, tijolo e pedra absorvem-no ligeiramente, mas a seda não o conduzirá nem absorverá.

Descobriu-se, mediante cuidadosos experimentos, que a força magnética tende a reproduzir, no objeto para qual está direcionado, sua própria “vibração” ou “nota” particular, e o objeto entrará em forte empatia psíquica ou *rapport* com a pessoa que projetou o magnetismo.

Assim, o magnetismo animal é o poder fundamental em muitas formas de curas psíquicas e espirituais, sendo o poder curador por si próprio e também agindo como veículo para muitas outras forças ainda mais sutis que, por seu intermédio, vão afetar o corpo físico.

Deve-se lembrar que um dos milagres\* atribuídos a Jesus foi ter curado uma mulher que estava com hemorragia. O evangelho nos dá uma visão nítida da ocorrência, o Mestre no

centro de uma multidão que se comprime em torno d'Ele, empurrando seus discípulos que estão tentando manter um espaço aberto à Sua volta, e todos tentando tocar nem que seja a borda de Sua túnica. O Oriente não muda tão rapidamente, e este autor tem, freqüentemente, testemunhado cenas similares na Índia. O Mestre pergunta: “Quem me tocou?” O espanto dos discípulos é compreensível. Quem O tocou? Eles bem poderiam exclamar: “Quem *não* o tocou?” Mas o registro continua dizendo que ele percebeu que uma virtude havia saído dele.

\*Conferir com a definição de milagre dada por Santo Agostinho! Os milagres não são contrários à natureza, mas apenas contrários àquilo que sabemos sobre a natureza.

Talvez, possamos ser traídos por essa palavra “virtude”, pensando somente em seu significado ético – “Uma mulher virtuosa vale mais que rubis.” Mas o verdadeiro significado dessa palavra é o do poder, de modo que nós também dizemos que isso e aquilo têm virtude. (Na Idade Média e hoje, no Oriente, a virgem e a criança sem pecado são detentoras de um poder o qual é resultado de sua pureza.) Quando a palavra “virtude” é traduzida da Versão Autorizada da Bíblia, descobrimos que ela é raiz das palavras “dínamo”, “dinâmico” e “dinamite”, todas subentendendo uma poderosa energia ativa. Assim, a pergunta do Mestre é transparente. A mulher que O havia tocado se havia tornado, por meio das condições morais criadas dentro dela por sua fé, uma condutora, ou mais precisamente, uma absorvedora de energia de cura ou energia dinâmica vital que estava emanando Dele. Muitos curadores magnéticos nos dias de hoje podem reproduzir a declaração do Evangelho, pois eles também perceberam que uma “virtude” saiu deles.

O padre John de Cronstadt e o padre Mathew, irlandês, faleceram prematuramente como resultado de excesso de trabalho. É interessante notar que o padre Mathew recebia uma anuidade de 300 libras da rainha Vitória, em reconhecimento aos seus serviços.\*

\*Cf. o livro de Dr. Percy Dearmer, *Body and Soul*, para estudo mais profundo dessa forma de cura.

Nos trabalhos de magia, esse poder é usado de muitas maneiras. Em curas, carregando-se ou impregnando-se um lenço ou outro artigo com poder curativo; Esse objeto “carregado” será usado ou vestido pela pessoa doente. Algumas vezes, a água ou óleos são “carregados” da mesma forma; crucifixos, pingentes ou outros objetos pessoais são carregados ou “magnetizados” para utilizar o termo técnico. No Novo Testamento, lemos sobre pessoas que levavam tecidos que haviam estado nas proximidades de São Paulo para curar os doentes, e a prática de carregar ou “benzer” objetos nunca desapareceu na Igreja Católica em qualquer um de seus ramos.

É importante lembrar que o fluído magnético é por si só neutro e vai receber a impressão da mente e da vontade que o emitiu. Como todas as forças somáticas, ele é manipulado pela mente subconsciente, e uma vez que o subconsciente reage mais eficientemente à sugestão de imagens da mente consciente, o mago tem que ter um estoque de imagens nítidas, às quais a mente subconsciente já tenha sido “vinculada” ou condicionada. Um tal estoque de imagens é encontrado na Árvore da Vida da Kabalah, que é o glifo de treinamento do mago ocidental; No Oriente, outros glifos ou símbolos compostos são usados.

O processo de magnetiza um objeto apresenta duas divisões: a desmagnetização ou “exorcismo”, e a magnetização ou “benção”.

O terceiro processo é conhecido como “consagração”, mas isso envolve outros fatores, como será visto. A desmagnetização é produzida ao se afirmar a mente na intenção de purificar o objeto, e o magnetismo do operador é direcionado sobre ele por um ou outro dos sinais tradicionais de poder. Na Igreja Católica, o exorcismo é realizado por intermédio do sinal da cruz. O cabalista também usa a cruz, mas é importante esclarecer que é a cruz dos quatro Elementos, com os quatro braços do mesmo comprimento, e não a de forma latina.

Uma fórmula tradicional é usada, e a fórmula geral do padre católico e a do cabalista são muito similares - provavelmente devido à influência da época medieval, quando freqüentemente acontecia que o padre realizava certa quantidade de trabalhos de magia além do seu dever clerical rotineiro. Padres transviados que seguiam a magia tradicional tinham, quase necessariamente, que adaptar suas fórmulas familiares ao novo trabalho, e o mago esclarecido alterou tais fórmulas para adequá-las ao seu próprio propósito. Em qualquer desses casos, a Igreja Romana, com sua espantosa versatilidade, absorveu muito das tradições mágicas dos cultos que ela veio a substituir, e, como Evelyn Underhill nos mostra em sua valiosa obra *Mysticism*, o verdadeiro emprego hermético de velas, sal, água e óleo no serviço batismal está longe de ser apenas uma simples lustração de São João Batista.

Tendo desmagnetizado ou exorcizado o objeto, nós o temos agora em condição neutra, pronto para absorver qualquer força magnética que venha a ser impressa sobre ele. Agora começa o processo de magnetização. Novamente o operador tem que ter em sua mente uma certa “intenção”, e essa intenção tem que ser expressa em palavras e em gestos, os quais são vinculados em sua mente à ação desejada do objeto imantado. Junto com isso, o mago emprega um certo esquema de técnica mental conhecido como “comemoração”, que consiste na récita de trabalhos similares por outros no passado e serve para ligar o operador com as imagens arquetípicas da consciência coletiva da raça, assim reforçando os poderes individuais do mago. Tenham os eventos comemorados realmente ocorrido ou não, isso não faz diferença para a sua eficácia se eles fazem parte da mitologia ou do folclore.

É importante ressaltar que as idéias e as imagens mantidas na mente do operador devem ser positivas, nunca negativas. Assim, se estivermos carregando ou imantando um objeto com o objetivo de reforçar a coragem da pessoa que o vai usar, devemos encher nossa mente com imagens de coragem, e não de medo. Não devemos dizer “Que o portador de pare de sentir medo”, mas sim “Que o portador desse seja forte e corajoso”, e devemos usar as palavras de forma que reiterem essa idéia. De fato devemos proceder como se estivéssemos dando essa sugestões diretamente à pessoa envolvida.

Falamos da consagração como um método técnico envolvendo outros fatores. Na magnetização normal dos objetos, os poderes e as forças da personalidade do operador são utilizados, mas na consagração, depois que o objeto foi desmagnetizado, ele é remagnetizado com uma intenção especial de que venha a ser um veículo ou canal de uma força maior ou ser afastado do operador. Um típico ritual de consagração é a missa da

Igreja Católica. Aqui temos todos os elementos mencionados, a purificação do pão e do vinho, sua bênção solene e a divisão, e então, na Prece da Consagração, a comemoração da primeira eucaristia da Igreja Cristã é a invocação da presença do Cristo na cerimônia e por intermédio dos elementos oferecidos.

Em se tratando dessa magia talismânica e da maior “Magia da Missa”, pode-se pensar que nos afastamos de nossa definição de magia como arte de provocar mudanças na consciência. Esse não é o caso. O efeito do talismã é efetuar uma mudança de consciência usualmente de forma gradual na pessoa que o usa, e o mesmo se aplica ao poder do sagrado sacramento. Que a mudança de consciência não seja notada pelo participante, isso não importa. A consciência do homem, como já vimos, é maior do que a sua superficial mente vígil.

É possível que a ligação da Eucaristia com o assunto da magia possa causar algum desconforto. Isso não se dará se os objetantes se ativerem sinceramente à doutrina central do Cristianismo. Pois o que é a encarnação senão um ato de suprema magia por meio do qual o Verbo se torna carne e passa a habitar entre nós, Seu poder transcendente inundando o planeta no qual vivemos e, como o fermento na massa informe, trabalhando ao longo das eras para produzir uma mudança de consciência em toda a humanidade!

A magia talismânica foi muito popular durante a Idade Média, e mesma a hóstia consagrada era usada para propósitos mágicos. No primeiro Livro da Oração reformada por Edward VI, em 1549, existe uma frase que é a seguinte: - “E, embora ... as pessoas durante todos esses anos tenham recebido das mãos do padre o Sacramento do Corpo de Cristo nas suas próprias mãos ... ainda como eles muitas vezes o desviaram secretamente, o mantiveram com eles e o utilizaram para fins supersticiosos e malignos, é, pois conveniente que as pessoas recebam o Sacramento do Corpo do Cristo em sua boca das mãos do padre.”

A Magia e o Mago – E. W. Butler  
Ed Bertrand – 2ª Edição  
Magia: Ritual, Poder e Propósito  
Capítulo 8- As Imagens da Magia

Os métodos técnicos da tradição mágica estão baseados, como já vimos, num profundo conhecimento da mente humana e no uso do que são chamadas imagens mágicas.

Dois homens muito diferentes introduziram o conceito de imagem mágica no mundo ocidental – Santo Inácio de Loyola e C. G. Jung. O primeiro, em ordem cronológica, naturalmente foi Santo Inácio, cujos *Exercícios Espirituais* são fundação do sistema de treinamento e disciplina da mente que produziu uma das mais efetivas ordens católicas – A Sociedade de Jesus. Qualquer que possa ser a opinião particular sobre os jesuítas, uma coisa é certa, eles formam uma das mais eficientes comunidades da Igreja.

Algumas vezes se fez objeção ao sistema de treinamento jesuíta, dizendo-se que ele é “antropocêntrico” em contradição ao método sulpiciano que é “teocêntrico”. Trata-se apenas de uma questão de temperamento – um tipo se volta para dentro e busca por meio de conhecimento do eu conhecer o Um, o outro procura por intermédio do Um conhecer o eu. Se nos permitem usar um símile físico, um tipo é centrífugo, e o outro, centrípeto. Assim como essas duas forças opostas produzem como resultado o sistema equilibrado, como o Sol e seus planetas, também a tradição mágica faz uso de ambos os métodos – o de Santo Inácio e o sulpiciano; na verdade, eles já eram usados há muito tempo ao serem incorporados na Igreja Católica.

O psicólogo Carl G. Jung já demonstrou a importância para todos nós, daquilo que se chamou de “imagens arcaicas” do inconsciente coletivo. Deve ser recordado que, em nosso estudo da mente, falamos do estrato da mente que é comum a toda a humanidade – consciência da raça, da qual nossa consciência individual se ergue, como uma montanha entre as cordilheiras em volta. Jung salienta que a consciência normal “regreda” ou volta sobre si mesma, liberando a energia psíquica dos vastos mananciais dos níveis subconscientes. Na tradição mágica, esses níveis subconscientes são conhecidos como “Tesouro da Casa de Imagens”, e é sobre essas imagens que a energia internalizada vai trabalhar.

À medida que essas imagens se tornam ativas elas tendem a ultrapassar o censor do limiar da mente e imergir no nível consciente em forma de sonhos, visões e intuições; além disso, elas “projetam” significados especiais sobre objetos e imagens com os quais tenham afinidade. É óbvio, entretanto, que a regressão patológica e involuntária das neuroses é prejudicial para a unidade mental que se constitui na saúde normal, mesmo que a regressão do neurótico seja um esforço dos níveis profundos da mente para restabelecer as condições de equilíbrio. Mas a regressão da técnica mágica é uma atividade voluntária consciente, em que a polaridade mental normal é deliberadamente regredida, e o fluxo de energia psíquica, redirecionada em consonância com certo plano bem definido. Podemos descrever isso como um sistema de evocação. Mas não é somente a energia psíquica que é redirecionada aos níveis subconscientes; ela também emerge de lá, carregando em seu fluxo as fortes imagens do inconsciente coletivo ou, melhor, as “linhas de força” dessas imagens.

Talvez uma ilustração torne isso mais claro. Se uma solução de algum sal é deixada para cristalizar, observamos que a substância forma cristais de um certo tipo, e é evidente que na própria solução já existiam as predispostas “linhas de força” juntamente com os cristais peculiares da substância. Podemos dizer, entretanto, que embora cristais de seis ou oito lados não existissem na solução, havia, no entanto, lá, um sistema de traços subsistindo, cuja manifestação poderia ser vista nos cristais formados mais tarde. Assim, as imagens arcaicas do inconsciente coletivo subsistem nos profundos níveis da mente, como sistema de traços e não como imagens objetivas.

Mas, se as imagens “mortas” do passado imemorial são ressuscitadas, com que corpo ela vêm? A resposta é que o que é “semeado” na mente consciente não é a imagem que deverá surgir, mas o vínculo pelo qual as linhas de força arcaica são vestidas e aparecem no novo “corpo”. Contudo, esse novo corpo está carregado com o poder das regiões onde teve a sua própria origem, e a energia psíquica que a evocou é reforçada por essa força primordial emanada fora das regiões do tempo e do espaço. Assim, a mortalidade produz imortalidade, e a imagem, emergindo no consciente, traz o novo poder para sustentar o ego pessoal. Essa ressurreição do eu profundo vai causar a regeneração e reconstituição do eu pessoal. É a porção *coagula* da fórmula dos alquimistas, e esse poder é, na terminologia cristã, o poder do Espírito Santo.

Na técnica psicológica de Jung e seus discípulos, existem diversos métodos por meio dos quais essa ressurgência pode ser efetuada. A tradição mágica também desenvolveu detalhado sistema de treinamento pelo qual essa evocação de imagens pode ser efetuada. Profundidade chama profundidade, e essa é a chave do método mágico. É a chamada *indução*.

Nos cerimoniais de magia em que essa evocação das forças primordiais é almejada, são empregadas imagens cuidadosamente selecionadas. Essas são escolhidas da massa de imagens simbólicas que podem ser encontradas nos livros cabalistas, e usadas pelo mago para evocar a atmosfera mental que irá evocar dos níveis profundos da mente as imagens arcaicas e os poderes desejados. As imagens arcaicas do inconsciente coletivo tendem a se agrupar em torno de certos centros definidos. Como ensina Jung, os motivos dos arquétipos (imagens arcaicas) são os mesmos em todas as culturas. Nós os encontramos repetidos em todas as mitologias e contos de fadas, em todas as tradições religiosas e mistérios. Prometeu, o ladrão do Fogo; Hércules, o que mata dragões; os numerosos mitos de criação; a queda do paraíso; os mistérios sacrificiais; o nascimento da virgem; a traição do herói; o desmembramento de Osíris, e muitos outros mitos e lendas retratam processos psíquicos em sua forma imaginário-simbólica.

Da mesma forma como as formas da serpente, do peixe, da esfinge, os animais úteis, a Árvore-do-Mundo, a Grande Mãe, o Príncipe Encantado, o Mago, o *Puer Eternus* (eterna criança) representam certas figuras e conteúdos do inconsciente coletivo. Mitos e contos de fada são os devaneios da raça, e cada raça tem sua própria forma particular de mitos comuns. Estando cientes dessa seletividade racial, o mago esforça-se para usar as imagens que possuem afinidade com a mente coletiva da raça com a qual ele está lidando. Como

havíamos dito anteriormente, a Tradição Ocidental é uma composição, e o mago ocidental usa um ou outro dos sistemas subordinados dessa forma composta.

Por exemplo, na Inglaterra ele trabalha com o contato céltico e as imagens e lendas do Graal se ele deseja se servir do poder da Ordem da Rosa Cruz. Existem muitas imagens que podem ser usadas sem sair dos limites de nossas fronteiras raciais, e, embora seja da maior relevância para nós sermos capazes de nos beneficiar do sistema oriental de filosofia, quando se trata de realizar um trabalho mágico prático, é melhor restringir os esforços aos métodos ocidentais. Com isso não se está tentando desvalorizar os métodos orientais, que, por sinal, são sólidos e eficazes – para os orientais e para aqueles que, embora tenham nascido no Ocidente, são espiritualmente do Oriente.

Em conjunção com o glifo, que é usado pelos cabalistas, existem 10 imagens mágicas que representam o trabalho da energia universal em todos os seus aspectos, e elas são usadas para proporcionar sintonia com essa energia no nível particular requerido. Essa, entretanto, não é uma força mecânica cega, mas uma energia de consciência pulsante e viva, de forma que, se uma forma-pensamento ou imagem, mágica é construída na mente consciente e ligada ao seu arquétipo correspondente na mente profunda, a imagem que emerge das profundezas e inunda a mente consciente com poder é uma coisa viva.

Se, pois, muitas pessoas, por um prolongado período de tempo, constroem uma tal imagem mental, então as imagens individuais parecem se fundir, e aí teremos uma imagem impregnada de Energia Divina em um de seus aspectos. Isso é o que os antigos chamavam de “deus”. É importante ressaltar que a objetividade de um tal “deus” se dá por intermédio das mentes de seus devotos, e o que realmente acontece é que a forma ou imagem conscientemente visualizada age como uma linha de contato com a forma coletivamente construída que está, por sua vez, vinculada com a energia cósmica que ela simboliza. O resultado é que a energia cósmica fluindo por meio da mente do devoto estimula o arquétipo apropriado, que surge na consciência e age como um transmissor daquela energia para todos os níveis da personalidade do devoto.

Aquilo que é feito apenas pela crença e pela devoção, o mago faz com conhecimento do mecanismo pelo qual essa energia é despertada para o fortalecimento e refrigério de sua alma e para aquela alteração desejada em sua consciência, que definimos inicialmente como essência da magia.

É importante ressaltar que existem duas maneiras de trabalhar com imagens mágicas. Um desses métodos não é recomendado, na medida em que ele tende a reduzir o poder que pode ser obtido com ele. Essas imensas formas-pensamento coletivas são “carregadas” com a energia emocional de seus autores, e essa energia armazenada é utilizável pro qualquer membro do grupo. Nós podemos assemelhar a imagem mágica à bateria carregada, responsável pela a iluminação de uma casa\*. Se as baterias estão sendo constantemente utilizadas, vão chegar num ponto em que deixarão de liberar energia – elas ficarão, como dizemos, descarregada. Assim também se dá com as imagens mágicas. Se elas forem usadas de forma errada, tenderão a perder sua carga de energia. Mas nenhum perito eletricitista permitiria que sua bateria se tornasse totalmente descarregada, acionando o dínamo e deixando o fluxo da energia chegar a um ponto que é, para os propósitos práticos,

inexaurível fonte de energia. Da mesma forma, o mago capaz não usaria as imagens como fontes de poderes *em si mesmas*. Ele as usa como fonte temporária de energia, mas sempre as encadeia com o poder infinito por trás de toda manifestação. Isso faz a diferença entre o amador e o mago capacitado, e é uma das razões porque as descrições detalhadas das imagens mágicas usadas nas lojas ocultas são mantidas em segredo.

\*Deve-se ter em conta que o autor se refere a uma realidade de pelo menos 60 anos atrás na Inglaterra, onde as casas eram alimentadas por baterias ou acumuladores elétricos(N. do T.)

Algumas das imagens mágicas muito antigas estão carregadas de energia psíquica. Elas foram construídas e têm sido usadas por gerações de iniciados. Fora das lojas ocultas, as grandes imagens construídas por gerações de devotos de grandes religiões possuem grande potência, e, por causa de seu poder evocativo sobre as imagens arcaicas na mente subconsciente das pessoas, elas são do maior valor possível para os sistemas de religiões organizadas, e as seitas que tentam dispersar inteiramente o cerimonial e as imagens estão abrindo mão de uma arma muito valiosa do arsenal espiritual.

Isso nos leva à consideração da prática da Igreja Católica, conhecida como invocação dos santos. Antes de ir mais além, deve ser ressaltado que, na Igreja Romana, existem três graduações de “culto” reconhecidas. Primeiro temos a *dulia*, a reverência devida aos santos por sua grandeza espiritual; *hyperdulia*, a reverência devida à Virgem Maria; e a *latria*, o culto prestado ao próprio Deus onipotente.

Isso mostra justamente o contrário da tola idéia protestante de que os católicos prestam aos santos e à Virgem Maria o mesmo culto devido ao Deus Supremo. Se consultarmos os documentos oficiais da Igreja, acharemos um ponto de interesse para nosso estudo das imagens mágicas. O Concílio de Trento, que removeu muito dos abusos medievais da Igreja Romana, define a invocação dos santos da seguinte maneira.

“Cultuar os Santos significa cultuar a Deus, pois sua santidade e sacralidade são realmente Dele. E orar aos Santos significa adorar a Deus juntamente com toda a hierarquia dos Anjos, com os espíritos dos homens justos tornados perfeitos, e com a Igreja Invisível àqueles que nasceram no mundo celestial”.(*Concilium Tridentinum, Sessio XXV, De Invocatione Sanctorum*)

O ponto de interesse nessa passagem das decisões do concílio é a afirmação de que a adoração dos santos é a adoração de Deus, ou seja, é o poder de Deus brilhando por intermédio dos santos e que é, podemos dizer, canalizado ou concentrado pela personalidade do santo. Essa é, naturalmente, a lei da imagem mágica. Mas a personalidade usada como canal é uma personalidade *verdadeira*, um ser humano que conosco adora o mesmo Deus. Dessa forma, o santo da Igreja Católica, ainda que permanecendo um ser distinto, age como lente psíquica, focalizando e concentrando aquele raio de luz eterna para qual ele ou ela é um canal especial. Todos aqueles que por afinidade natural de temperamento estão nesse raio particular, serão capazes de acionar esse santo para obter esse poder.



Isso se aplica não somente aos santos da Igreja Católica, mas também aos heróis do Folclore. Em nossa tradição inglesa, os heróis pagãos e cristãos, e os santos estão emaranhados às lendas arturianas e do Graal. Houve um tempo em que era costume reduzir todas essas figuras de heróis a personificações míticas e negar sua existência como homens e mulheres reais. Mais tarde afirmou-se que eles realmente existiram e que a mentalidade popular os revestira com os adereços de mito.

O mago iniciado sustenta que ambas as visões são parcialmente corretas no que afirmam, equivocadas no que negam, e acredita que a verdade completa deve ser encontrada em combinações de ambas as idéias. Quando as imagens mágicas são empregadas na escola de Magia Cerimonial, imagens cósmicas impessoais são usadas, mas, mediante o aparato técnico conhecido como Comemoração, as imagens arquetípicas são encadeadas com as personalidades de quem, no passado, em sua vida terrena se utilizou desse poder particular, simbolizado e canalizado pelas imagens mágicas em questão.

A fim de que esse poder possa ser trazido ainda mais próximo das condições do plano físico, cada membro do grupo de magia encena a operação conhecida como “o assumir da forma divina”. Ele ou ela “faz o papel” da personalidade ou ser comemorado para formar o canal de poder individual dentro da loja, ao mesmo tempo procurando criar *rapport* por intermédio daquela personalidade com o poder cósmico. Assim, o método de assumir a “forma deus” consiste praticamente em uma certa técnica de auto-hipnose. Quando, por intermédio dessa operação, uma alteração de consciência é obtida, é como se um mecanismo automático tivesse sido acionado. A personalidade do mago é sobrepujada e inundada pelo poder do seu eu profundo, e este é iluminado e “carregado” pela entidade de que foi “comemorada”, e, por meio do canal formado pelas personalidades encadeadas, a energia psíquica cósmica precipita-se sobre as condições psíquicas e magnéticas do mago. O efeito dessa torrente de poder provoca a ascensão de imagens arcaicas profundamente submersas em sua mente consciente temporariamente alterada, e essas imagens permitem ao poder evocado realizar alterações definidas e de longo alcance no caráter do iniciado.

Em torno de 10 imagens mágicas baseadas na Árvore da Vida estão agrupados os deuses e deusas dos panteões pagãos, bem como os santos e heróis dos mitos e lendas, e a escolha de uma imagem particular depende do efeito desejado. A propósito, deve ser dito que cada grupo de imagens tem certa afinidade com um ou outro dos grandes centros psicofisiológicos do corpo humano e com o centro de controle mental particular que governa cada um. A nota-chave vibratória de cada centro determina as palavras tradicionais de poder ligadas às imagens a eles encadeadas. O tema “Palavras de Poder” é de grande complexidade e só poderá ser tocado aqui brevemente.

Uma variação da assunção da forma divina é a curiosa “técnica de ilusionismo” a que se refere os livros de magia ao falarem “fazer-se invisível” e “transformação”. Tal “fascinação” tem que ser experimentada para ser percebida. Um exemplo típico é dado no livro de coronel H. S. Olcott, *Old Diary Leaves Vol I*, aqui os protagonistas foram a Madame Blavatsky e um certo cabalista.

Se esse estudo das imagens mágicas parece um pouco deslocado, deve-se lembrar que, embora um princípio geral possa ser discutido, é difícil ser preciso sem falar muito.

A Magia e o Mago – E. W. Butler  
Ed Bertrand – 2ª Edição  
Magia: Ritual, Poder e Propósito  
Capítulo 9- Magia Iniciatória

Nos ritos religiosos de todas as nações desde os tempos imemoriais, encontramos certas cerimônias de admissão na comunidade tribal ou na vida religiosa da nação, e essas iniciações têm certos elementos comuns, quer seja a introdução de um menino na tribo pelos aborígenes australianos ou a recepção de um postulante na Igreja Católica. Sir James Frazer, em seu *Golden Bough*, reuniu muitos exemplos de ritos iniciatórios de todo o mundo, e esses, juntamente com as atuais formas de iniciação, como o rito maçônico e os ritos batismais da Igreja, mostra uma similaridade subjacente.

A palavra “iniciação” deriva de uma raiz que significa “um primeiro passo” ou “começo”, e isso, é claro, é justamente o que a iniciação é. Esse é o primeiro passo em uma nova vida, quer seja na vida tribal de um clã, quer na vida religiosa de um monge, ou nas atividades geralmente benemerentes fraternais da Real e Antediluviana Ordem dos Búfalos. Todos têm seus ritos iniciatórios por meio dos quais o neófito é introduzido e interligado com a nova vida. Podemos acrescentar a esses exemplos outros mais – as cerimônias iniciáticas dos cavaleiros e a coroação do rei britânico.

Obviamente todas essas iniciações não tem o mesmo poder – umas afetam o candidato em níveis inteiramente diferentes das outras, mas, e isso é um ponto que deve ser enfatizado, mesmo a mais inócua e ingênua das cerimônias iniciatórias, se construída sobre fundamentos genuínos e realizada por gente de conhecimento, será o meio pelo qual mudanças mais radicais e de longo alcance poderão ser operadas.

É fato notável que praticamente toda sociedade organizada, cedo ou tarde, desenvolve alguma forma de cerimônia iniciatória, e, embora isso possa ser considerado uma necessidade natural de fazer clara distinção entre a velha e nova vida, ainda está para ser explicado por que as bases de todas as iniciações parecem ser as mesmas. Associados também a esses ritos, encontramos a “imposição das mãos” ou algum ato similar; por meio da pesquisa antropológica, descobriu-se que, mesmo nos casos onde tal prática não fazia parte do ritual, ela havia sido empregada em épocas mais remotas.

Veremos, entretanto, que existem dois componentes essenciais no verdadeiro ritual de iniciação. Primeiro, o rompimento com a velha vida, dramatizado por meio de certas formas simbólicas, e, segundo, a transmissão de poder para o neófito. A primeira é construída sobre a idéia de abandonar o vagar cegamente pelas condições de trevas e caos da ignorância para entrar no domínio da luz e da ordem: - o “Entrar no Dia”, do livro egípcio dos mortos, a “Entrada na Clara Luz”, do Bardo Thodol tibetano, a Transmutação Real dos Alquimistas, o Novo Nascimento dos místicos cristãos. Mas cada um no seu grau. Pois é claro que a iniciação maçônica raramente possui esse efeito taumatúrgico, assim como também a maioria das iniciações formais do Ocidente e do Oriente.

De qualquer modo, algum efeito é produzido, e algum poder acaba sendo conferido, mas “sob o véu das coisas terrenas”, pois essas iniciações formais, embora válidas e valiosas,

são as sombras terrenas das verdadeiras iniciações conferidas nas eternidades atemporais e para além do espaço. Nas palavras da Kabalah, elas são os “reflexos em Malkuth”, isto é, a representação em termos terrenos de realidades supra-sensíveis. Assim, não nos tornamos adeptos só pelas iniciações cerimoniais da loja (ainda que certos poderes realmente sejam adquiridos, como veremos adiante, como resultado da cerimônia), mas nos tornamos iniciados quando voluntariamente conseguimos alterar nosso nível de consciência e começamos a olhar todas as coisas de um ponto de vista diferente.

A palavra que é traduzida na Versão Autorizada da Bíblia como “conversão” pode ser mais bem descrita como “mudando a direção da mente e considerando as coisas sob outro ponto de vista”. Isso, naturalmente, é o que a iniciação – e a conversão – realmente são.

Aqui chegamos a um dos pontos de disputa entre os católicos e os não-conformistas. A Igreja ensina que o batismo da criança é eficaz e eficiente; o não-conformista procura uma mudança consciente no coração, realizada na mocidade ou na vida adulta, a qual leva a pessoa envolvida a uma verdadeira mudança. Do ponto de vista oculto, ambos os lados estão novamente corretos no que afirmam, e errados no que negam.

A regeneração batismal e a conversão são ambas válidas e eficazes, e deveriam ser complementares uma da outra. A tradição mágica dá uma explicação objetiva disso, reforçada pelas descobertas dos psicanalistas. A fim de entender a tradição mágica, é necessário estudar o que é conhecido em psicologia como “a mente grupal”.

Quando um número de pessoas se associa em busca de um objetivo comum, suas mentes se unem e formam – para o propósito que têm em vista – uma composição ou mente grupal. Quanto mais emocional o objeto de seus pensamentos combinados, mais forte e mais claramente estruturada torna-se a mente grupal. Sua manutenção depende de inúmeros fatores; por exemplo, algumas mentes grupais formadas pela oratória apaixonada de alguns demagogos podem durar apenas alguns minutos ou horas. Outras, formadas por pensamentos unidos por um período de anos, podem ter uma vida de muitos séculos. Mesmo que elas pareçam ter cessado de existir, poderão reagrupar-se se condições favoráveis surgirem, pois essas emanções, mesmo bem distanciadas dos seus impulsos mentais originais, já possuem “forma” nos mundos interiores, construída pela ação mental combinada do grupo, como já vimos quando discutimos as imagens mágicas.

Cada época semeia nos mundos interiores as sementes que, mesmo não se tornando um ser objetivo imediatamente, irão infalivelmente germinar e frutificar numa época futura. E o ensinamento esotérico adverte: aqueles que originalmente iniciaram uma forma-pensamento grupal irão reencarnar no período em que os resultados das formas grupais de pensamento criadas por eles se objetivarem no plano físico, e terão de trabalhar e possivelmente sofrer sob as condições que eles próprios originaram no passado.

Existem quatro tipos de emoções que podem energizar tais mentes grupais: poder, sexo, multidão e emoções religiosas. Muitas dessas estão intercombinadas em diferentes proporções em toda a mente grupal, mas sempre uma é predominante. As grandes religiões do mundo, com seus rituais mais ou menos estereotipados, suas emoções comuns e sua longa vida, construíram mentes grupais bem definidas, assim como os sistemas de governo

que perduram por muitos séculos, como por exemplo, a monarquia britânica. A Ordem de Cavalaria, e as fraternidades iniciáticas, tais como os maçons, a Rosa-Cruz e muitas outras, construíram mentes grupais poderosas e definidas nos mundos interiores.

O grupo religioso mais forte no mundo ocidental é a Igreja Cristã, e aqui temos uma mente grupal intimamente amarrada e recarregada constantemente de vitalidade que data de quase dois mil anos. Mas no caso do Cristianismo temos que lidar com algo que é muito maior do que a soma total da atividade mental e emocional e as aspirações de seus membros. Podemos entender melhor se exemplificarmos com o nosso corpo físico. Ele consiste de uma miríade de células constantemente crescendo, reproduzindo-se e desintegrando-se, mas preservando uma relação, cujo resultado chamamos de corpo físico.

Mas cada célula tem sua própria vida psíquica, e a vida celular combinada forma a *nefesch* ou alma animal dos cabalistas. Além disso, as vidas psíquicas coordenadas de muitas células formam um receptáculo ou veículo por intermédio do qual o ego ou *self* pode entrar em contato com o plano material.

Assim, o pensamento grupal comum, a emoção e o idealismo de todos os membros da Igreja Cristã formam um veículo ou corpo por meio do qual a cabeça da religião cristã pode entrar em contato direto com o mundo material. Em termos teológicos, a Igreja é a extensão da encarnação. Assim como a saúde psíquica de cada célula do corpo depende da inter-relação com todas as demais, e assim como certos grupos de células são especializadas dentro do grupo geral, em certas atividades especiais, como por exemplo, os órgãos, nervos e órgãos dos sentidos, assim é com o corpo que se constitui na Igreja, onde vamos encontrar especialização e funcionalismo similares. É possível penetrar a vida celular coletiva do corpo pela identificação da vida psíquica da substância individual ingerida pelo sistema na vida diária, e, a propósito, aqui está a chave para os múltiplos problemas de nutrição do corpo.

Exatamente da mesma maneira, o indivíduo torna-se parte do grupo por meio de uma similar identificação de seu psiquismo com a vida do grupo comum, e esse processo mental e psíquico é quase invariavelmente realizado por meio de algum rito de admissão, tal como o batismo. Possivelmente as únicas exceções são a Sociedade dos Amigos ou Quakers, ou como são mais comumente conhecidos, o Exército da Salvação.

No serviço batismal o indivíduo é vinculado mentalmente com a mente grupal de toda a Igreja, e essa vinculação é feita por intermédio da atuação de um membro desse grupo que age com a sua autorização. Mesmo nos casos onde o batismo é feito de emergência por um leigo ou mesmo um não-cristão, sua “intenção mental” de ligar o recém-chegado com o grupo é suficiente. Mas isso pode ser objetado, no caso do batismo infante, em que a criança não pode conscientemente identificar-se com a Igreja. Conscientemente não, mas o homem é maior que seu pensamento consciente, como já vimos, e a criança se liga inconscientemente por intermédio de um sacerdote celebrante, com a vida do todo. Os padrinhos também forneceriam laços extras entre a criança e a Igreja – ainda que seja altamente improvável que eles tenham essa percepção!

Bem, qual o resultado dessa parte da magia iniciatória? A criança é introduzida na circulação da vida da Igreja, e são proporcionalmente as condições as quais ela pode começar sua jornada do caos do passado, que é construído na subconsciência, e tomar posse do que sempre foi, *in esse*, uma criança de Deus. Por isso o catecismo anglicano diz que o batismo é “uma morte para o pecado e um renascimento dentro da retidão”, e essa é a fórmula de toda iniciação verdadeira. A água é usada como um símbolo de purificação e é abençoada com essa intenção, usando o signo cristão de poder, a cruz. Nas velhas religiões de mistério, a iniciação era precedida pela lustração de purificação, e as águas do batismo são a contraparte cristã das lustrações dos Mistérios.

Embora a criança tenha sido iniciada dentro da comunidade cristã e tenha começado a partilhar da vida espiritual dessa comunidade, a iniciação batismal não passa da sombra terrena da verdadeira iniciação cristã do Novo Nascimento. A verdadeira iniciação acontece quando o eu pessoal é por um momento apanhado e unido com seu Ego Superior, do qual ele é expressão mundana, e, por intermédio desse Ego Superior com o Logos em que ele vive, se movimenta e tem sua existência. Um grande místico, Angelus Silesius assim assim escreveu:

“Se mil vezes em Belém Cristo nascesse  
E não em vosso coração, estareis então  
abandonado  
A cruz no calvário que procurastes seria em vão  
Pois ela está somente no centro de vosso coração.”

A experiência da conversão é uma forma livre dessa iniciação cristã, daí sua importância do ponto de vista do não-conformista.

Voltando à questão geral dos ritos iniciatórios, todas as verdadeiras cerimônias ligam o neófito à vida mente grupal e também implantam nele as sementes do poder as quais irão, em um tempo futuro, leva-lo a percepção consciente de sua verdadeira natureza.

Um amigo clarividente fez o seguinte relato de um rito de iniciação realizado em sua presença.

“Quando os oficiais menores da loja fizeram seu contato cerimonial com o candidato, a aura dele tornou-se luminosa, cada porção da aura correspondente a cada compartimento reluzia. A observação desse novo membro em data posterior mostrou que o efeito é relativamente permanente – ao menos nesse caso.”

“Quando, porém, o mago da loja fez o seu contato, pareceu que uma diminuta porção de seu corpo sutil era ejetada da região do chacra do coração, uma pequena semente brilhante de luz branca dourada parecia passar através da aura do candidato até vir se localizar na região do plexo solar. Observações posteriores constataram ser esse efeito permanente.”

Um fenômeno similar, embora bem mais intenso, foi registrado por outros clarividentes que estudavam a ordenação de um sacerdote nas facções da Igreja que preservaram a “Sucessão

Apostólica”. Talvez ironicamente, caiba aos desprezados magos a missão de configurar as alegações da Igreja no que concerne ao seu sacerdócio!

Neste capítulo o batismo cristão foi usado como uma ilustração, mas os princípios envolvidos não são exclusivos do Cristianismo. As religiões de Mistérios da bacia do Mediterrâneo no período clássico usaram o mesmo simbolismo e ritos muito similares. Nos ritos mitraicos, a “lavagem no Sangue do Cordeiro(ou Touro) era realisticamente encenada no *kriobolium* ou *taurobolium*, onde o neófito, vestido de túnica branca, ficava sob uma grade em cima da qual o cordeiro ou o touro era sacrificado, e dessa maneira era literalmente lavado no sangue sacrificial. Alguns paralelos com o simbolismo do cristianismo são muito próximos, tanto que, de fato, alguns dos padres cristãos os explica dizendo que o Diabo, sabendo de antemão que o Cristianismo viria, guiou os idólatras para copiar o que mais tarde seria revelado! Outros, não apologistas do Cristianismo, dizem que essa similaridade prova que o Cristianismo pegou emprestado seu sistema sacramental das religiões que o precederam.

A tradição mágica, por sua vez, diz que a religião cristã, fundada sobre certos princípios, se expressou em formas similares às das religiões pagãs, mas as redimiou da corrupção na qual tinham caído. Ela também sugere que a Igreja Cristã não tinha necessidade de tomar emprestado seus ritos e formas, uma vez que tinha suas raízes nas tradições secretas judaicas e, o que é infinitamente mais significativo, ela foi fundada e dirigida pelo Supremo Mestre de Todos os Mistérios. Os “Mistérios de Jesus” da Igreja Primitiva podiam impor-se por si mesmos diante de qualquer das religiões de mistérios à sua volta. De qualquer forma, a religião manifesta sua vitalidade nessa própria assimilação dos melhores elementos dos outros sistemas. A Igreja, assim como a sábia dona-de-casa da parábola, traz no seu baú coisas novas e velhas.